As Três Vias E As Três Conversões

Garrigou-Lagrange, OP

APRESENTAÇÃO

Este livrinho, escrito de uma forma acessível a todas as almas interiores, é como o resumo de duas obras, embora possa ser facilmente entendido antes de ser lido.

Em Perfeição e contemplação cristã, vimos, de acordo com os princípios formulados por São Tomé e São João da Cruz, que a perfeição cristã consiste principalmente em caridade, de acordo com a plenitude dos dois grandes preceitos : "Amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força, com toda a sua mente e o seu próximo como você "(Lucas, X, 27). Vimos também que a contemplação infundida dos mistérios da fé, os mistérios da Santíssima Trindade presentes em nós, da Encarnação Redentora, da Cruz, da Eucaristia, está no caminho normal da santidade.
Seguindo os mesmos princípios, tratamos em outro lugar [1] as purificações necessárias para alcançar o perfeito amor de Deus e do próximo, e nos esforçamos especialmente para mostrar que a purificação passiva dos sentidos marca a entrada no caminho. iluminadora, e a do espírito, a entrada no caminho unitivo do perfeito.

Nos pedimos de várias partes para resumir essas duas obras para dar uma melhor idéia do que, desse ponto de vista, são os contornos da teologia ascética e mística.

Para não nos repetirmos simplesmente, e considerarmos as coisas de uma maneira mais simples e mais elevada, falaremos aqui das três eras da vida do espírito e das três conversões que constituem o começo de cada uma. -los.

Um primeiro capítulo trata da vida da graça e do preço da primeira conversão. Nos capítulos seguintes, fala-se do progresso da vida espiritual, enfatizando a necessidade de duas outras conversões ou transformações, que marcam, uma o início do caminho iluminador e a outra o começo do modo de vida unitivo. perfeito.

A divisão do progresso espiritual de acordo com os três caminhos, comumente recebidos desde Santo Agostinho e Dionísio, tornou-se comum, reproduzida invariavelmente por todos os tratados de espiritualidade, mas descobrimos sua verdade profunda, seu significado, seu alcance e seu interesse. vital, quando explicado, como apontou São Tomás, por analogia com as várias

idades da vida corporal, e também, o que é muitas vezes esquecido, em comparação com os vários momentos da vida interior dos apóstolos . Os apóstolos foram imediatamente formados por Nosso Senhor, e sua vida interior deve, proporcionalmente, dizem os santos, se reproduzir em nós. Eles são nossos modelos especialmente para o sacerdote, e todo cristão deve, em certo sentido, ser apóstolo e viver o suficiente de Cristo para dar aos outros.

O que insistiremos aqui são principalmente verdades elementares. Mas muitas vezes esquecemos que as verdades mais elevadas e vitais são precisamente as mais profundas, completamente meditadas e se tornam objeto de contemplação sobrenatural [2] .

Se perguntado a muitas pessoas familiarizadas com o Evangelho : "Y está lá em algum lugar questão da segunda conversão ? Muitos responderiam negativamente. É, no entanto, uma palavra bastante clara de Nosso Senhor sobre esse assunto. St. Mark ix, 32, relata que durante a última passagem de Jesus na Galiléia, quando ele chegou com os Apóstolos em Cafarnaum, Jesus perguntou-lhes : "O que você estava falando no caminho ? " " Mas eles ficaram em silêncio, diz o evangelista; pois no caminho discutiram entre si quem era o maior. "- E Mateus XXIII, 3, que é relatado o mesmo fato, lemos :" Jesus, trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e disse-lhes :"Em verdade vos digo que , se você não se converter e não se tornar como criancinhas, não entrará no reino dos céus [3] . Esta não é claramente a segunda conversão ? Jesus fala aos apóstolos que o seguiram, que participaram de seu ministério, que vão à comunhão na Ceia do Senhor e três dos quais o seguiram no Tabor. Eles estão em um estado de graça, mas ele lhes fala da necessidade de conversão, de entrar profundamente no reino de Deus ou na intimidade divina. Para Pedro em particular, é dito (Lucas, xxi, 32) : "Simão, Simão, eis que Satanás pediu que você peneirasse você como trigo; mas eu orei por você, para que sua fé não falhe; e vocêquando você se converter, fortaleça seus irmãos. Esta é a segunda conversão de Pedro, que ocorrerá no final da Paixão, assim que for negada. É especialmente da segunda conversão que falaremos neste livrinho.

CAPÍTULO I

A vida da graça
e o preço da primeira conversão

Amém, amém, dico vobis : Quem credita em mim, habet vitam aeternam.
Em verdade, em verdade vos digo que quem crê em mim tem a vida eterna. "
(João, VI, 47)

A vida interior é para cada um de nós o único necessário; deve desenvolver-se constantemente em nossa alma ainda mais do que chamamos de vida intelectual, científica, artística ou literária. É a vida profunda da alma, de todo o homem, e não apenas de uma ou outra de suas faculdades. A própria intelectualidade ganharia muito se, em vez de querer suplantar a espiritualidade, reconhecesse sua necessidade, sua grandeza e se beneficiasse de sua influência, que é a das virtudes e dons teológicos do Espírito Santo.
Que assunto grave e profundo que se expressa nessas duas palavras : intelectualidade e espiritualidade! Também é bastante claro que, sem uma vida interior séria, não pode haver influência social verdadeiramente profunda e duradoura.

A necessidade da vida interior

A necessidade urgente de retornar ao pensamento do único necessário é sentida particularmente neste tempo de inquietação e confusão geral, onde tantos homens e pessoas, perdendo de vista o nosso verdadeiro fim final, colocam-no em risco. bens terrenos e esquecer o quanto eles diferem dos bens espirituais e eternos.

No entanto, é claro, como disse Santo Agostinho, que os mesmos bens materiais, em contraste com os do espírito, não choram ao mesmo tempo por pertencer a muitos [4] .

A mesma casa, a mesma terra, não pode ao mesmo tempo pertencer inteiramente a vários homens, nem o mesmo território a vários povos. Daí o terrível conflito de interesses, quando alguém põe febrilmente seu último fim nesses bens inferiores.

Pelo contrário, Santo Agostinho gosta de insistir nisso, os mesmos bens espirituais podem pertencer simultânea e integralmente a cada um, sem que este danifique a paz do outro; nós os possuímos ainda melhor porque somos muitos para apreciá-los juntos. Podemos, assim, possuir tudo, simultaneamente, sem impedir um ao outro, a mesma verdade, a mesma virtude, o mesmo Deus. Esses bens espirituais são ricos e universais o suficiente para pertencer ao mesmo tempo a todos e preencher cada um de nós. Além disso, possuímos uma verdade completa somente se a ensinarmos aos outros, somente se a compartilharmos com nossa contemplação; realmente não gostamos de virtude, a menos que desejemos vê-la amada pelos outros, sinceramente amamos a Deus apenas se queremos que ele seja amado., Você não perde Deus, dando aos outros, mesmo que tenha a todo o melhor. E, pelo contrário, o perderíamos se sentíssemos

ressentidos que uma alma lhe fosse privada, se quiséssemos excluir uma alma do nosso amor, mesmo a dos que nos perseguem e nos difamam.

Existe nesta verdade muito simples e muito elevada, tão querida para Santo Agostinho, uma grande luz : se os bens materiais dividem os homens tanto quanto eles são procurados, os bens espirituais unem a humanidade. tanto quanto nós os amamos mais.

Esse grande princípio é um daqueles que melhor sentem a necessidade da vida interior. Ele também contém virtualmente a solução da questão social e da crise econômica global que está ocorrendo no momento. É simplesmente expresso no Evangelho : " Busque o reino de Deus, e todo o resto será dado a você em adição " (Mateus, VI, 33, Lucas, XII, 31). O mundo está morrendo neste momento do esquecimento dessa verdade fundamental, ainda que elementar para todo cristão.

As verdades mais profundas e vitais são, de fato, verdades precisamente elementares há muito meditadas, aprofundadas e se tornam para nós verdades da vida, ou objeto de contemplação habitual.

O Senhor também. o tempo presente mostra aos homens como eles estão enganados em querer passar sem Ele, colocando seu fim último em gozo terrestre, invertendo a escala de valores ou, como anteriormente se dizia, a subordinação de fins. Queremos então, na ordem material do gozo sensual, produzir o máximo possível; pensa-se assim que compensa a pobreza de bens terrestres; estamos construindo máquinas cada vez mais sofisticadas para produzir cada vez mais e melhor e obter um lucro maior; esse é o último objetivo. O que se segue ? Essa superprodução Pode sair, torna-se inutilizável e nos mata, levando ao desemprego atual, onde o trabalhador desempregado está na miséria, enquanto outros morrem em abundância. É uma crise, diz-se; na realidade, é mais do que uma crise, é um estado geral, e isso deveria ser revelador, se tivéssemos olhos para ver, como diz o Evangelho Colocamos o último fim da atividade humana onde ela não está, não em Deus, mas no desfrute deste mundo. Queremos encontrar a felicidade na abundância de bens materiais, que não podem dar. Longe de unir os homens, eles os dividem, e ainda mais porque são procurados por si mesmos e com mais amargura. A partilha ou socialização desses bens não seria um remédio e não daria felicidade, desde que os bens terrenos mantenham sua natureza e a alma humana, que os excede, se mantenha. Daí a necessidade de cada um de nós pensar no necessário e pedir ao Senhor dos santos que vivem apenas desse pensamento.e quem são os grandes líderes que o mundo precisa. Nos tempos mais conturbados, como nos dias dos albigenses e mais tarde na eclosão do protestantismo, o Senhor enviou uma infinidade de santos. A necessidade ainda é sentida hoje.

Qual é o princípio ou fonte da vida interior ?

É ainda mais importante relembrar a necessidade e a verdadeira natureza da vida interior que muitos erros alteraram a idéia que nos foi dada pelo Evangelho, pelas Epístolas de São Paulo e por toda a Tradição. É particularmente evidente que essa idéia de vida interior é profundamente alterada na teoria luterana de justificação ou conversão, segundo a qual os pecados mortais na alma do convertido não são positivamente apagados pela infusão de vida. notícias de graça santificadora e caridade. De acordo com essa teoria, os pecados mortais na alma do convertido são cobertos apenas , velados pela fé em Cristo Redentor, e deixam de ser imputados àquele que os cometeu. O homem é considerado apenas pelo únicoimputação externa da justiça de Cristo, mas não é tão justificada internamente, internamente renovada. Deste ponto de vista, para que o homem seja justo aos olhos de Deus, ele não precisa infundir caridade e almas em Deus. Em suma, o justo assim concebido, apesar de sua fé em Cristo Redentor, permanece em seu pecado não reduzido, em sua corrupção ou morte espiritual [5] .

Essa concepção, que gravemente desconsiderou nossa vida sobrenatural e reduziu sua essência à fé em Cristo, sem santificar a graça e a caridade. sem as obras meritórias, deveria levar gradualmente ao naturalismo , para o qual o justo é aquele que, além de fazer todo credo , estima e preserva a honestidade natural , da qual os melhores filósofos pagãos falaram antes do cristianismo [6] .

Deste segundo ponto de vista, nem sequer examinamos a questão supremamente importante: o homem no estado atual, sem a graça divina, consegue observar todos os preceitos da lei natural, inclusive os relativos à Deus ? Pode ser, sem graça, chegar ao amor, não por simples impulso, mas efetivamente o Soberano Bem, Deus, autor de nossa natureza, mais do que nós mesmos e acima de tudo ? - Os primeiros protestantes responderam negativamente, como sempre tem teólogos católicos [7] ; O protestantismo liberal, nascido do erro luterano, nem levanta mais a questão e não admite mais a necessidade da graça ou de uma vida sobrenatural e infundida.

A pergunta, no entanto, sempre surge em termos mais gerais : o homem sem ajuda superior pode superar a si mesmo e amar de maneira verdadeira e eficaz a Verdade e o Bem mais do que ele ?

É claro que todos esses problemas estão essencialmente relacionados aos da própria natureza de nossa vida interior, que é um conhecimento do Verdadeiro e um amor ao Bem, ou melhor, um conhecimento e um amor a Deus.

Para relembrar aqui a elevação da idéia de que as Escrituras e, acima de tudo, o Evangelho nos dão vida interior, sem fazer um curso de teologia sobre justificação e graça santificadora, enfatizaremos uma verdade fundamental da espiritualidade. digamos até misticismo cristão, como a Igreja Católica sempre o concebeu.

Antes de tudo, é manifesto que, de acordo com as Escrituras, a justificação ou conversão do pecador não apenas cobre seus pecados como um véu, mas os apaga pela infusão de uma nova vida. O salmista implora no Miserere : "Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua bondade; de acordo com sua grande misericórdia, apague minhas transgressões. Lave-me completamente da minha iniqüidade e purifique-me do meu pecado. Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo. Lave-me e ficarei mais branco que a neve ... Apague todas as minhas iniqüidades. Ó Deus, cria em mim um coração puro e renova dentro de mim um espírito firme.Não me rejeites longe de você, não retire seu espírito santo. Dá-me a alegria da tua salvação e apóia-me com um espírito de boa vontade. (Sal. L, 3-15).

Os Profetas falam da mesma maneira : O Senhor diz por meio de Isaías, XLIII, 25 : "Sou eu, somente eu, que apago suas prevaricação, Israel, por minha causa. " Muitas vezes na Bíblia vem a expressão :" Sou eu, que tira a iniqüidade, que apaga o pecado. " Conforme relatado no Evangelho de João, I, 29, João Batista disse, vendo Jesus, que vinha para ele : " Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. " Nós até mesmo ler na 1 st Epístola de João, I, 7 :" O sangue de Jesus nos purifica de todo pecado. " E São Paulo escreve, I Coríntios VI, 10 :" Nem fornicadores, nem idólatras nem adúlteros ... nem ladrões nem caluniadores nem raptores possuirão o reino de Deus. No entanto, era isso que você era, pelo menos alguns de vocês; mas você foram lavados, mas fostes santificados, mas você tem e / e justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. "

Se, além disso, na justificação ou conversão dos ímpios, os pecados fossem apenas velados e não apagados, o homem seria ao mesmo tempo justo e injusto, justificado e em estado de pecado. Deus amaria o pecador como seu amigo, apesar de sua corrupção, que seu amor seria impotente para tirar dele. O Salvador não teria apagado os pecados do mundo, se Ele não libertasse os justos da escravidão do pecado. Essas são, mais uma vez, verdades básicas para todo cristão; seu conhecimento profundo, quase experimental e constantemente vivido é a contemplação dos santos.

A realidade da graça
e nossa filiação divina adotiva

Assim, o pecado mortal pode ser apagado e adiado apenas pela infusão de graça e caridade santificadoras, que é o amor sobrenatural de Deus e das almas em Deus. Ezequiel, XXXVI, 25, proclamando em nome do Senhor: "Derramarei água limpa sobre você, e você estará limpa; Eu te purificarei de todas as suas impurezas e todas as suas abominações. Darei a você um novo coração e porei um novo espírito em você. Vou tirar o coração de pedra da sua carne e lhe darei um coração de carne. E eu colocarei meu espírito em você e farei com que você siga meus julgamentos. "

Esta água pura que se regenera é a da graça, que nos chega do Salvador, da qual se diz no Evangelho de São João, I, 16 : "É de sua plenitude que todos recebemos e graça na graça. "Por Jesus Cristo, nosso Senhor, recebemos graça", lemos na Epístola aos Romanos, I, 5 : "O amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos deu. foi dado "(Romanos, V, 5). - "A cada um de nós a graça foi dada segundo a medida do dom de Cristo" (Efésios IV, 7) -

Caso contrário, o amor não criado de Deus por ele a quem ele converte seria apenas afetivo, e não eficaz e atuante. Agora, o amor não criado de Deus por nós, como St. Thomas mostra claramente (Ia, 20, a 2 e IIa 110, a, I), é um amor que, longe de assumir a amabilidade em nós, a pose em nós. Seu amor criativo nos deu e preserva nossa natureza e existência; seu amor vivificante produz e preserva em nós a vida de graça que nos torna gentis com ele, não apenas como seus servos, mas como seus filhos.

A graça santificadora, o princípio de nossa vida interior, realmente nos torna filhos de Deus, porque é uma participação de sua natureza. Não podemos ser, como a Palavra, seus filhos por natureza, mas somos realmente assim por graça e adoção. E enquanto o homem que adota um filho não o transforma internamente, mas apenas declara seu herdeiro, Deus, ao nos amar como filhos adotivos, nos transforma, nos vivifica internamente pela participação de sua vida íntima, propriamente divina.

É o que lemos no Evangelho de João, I, 11-13 : "A Palavra veio a ele, e seu povo não a recebeu. Mas a todos que a receberam , ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem em seu nome, que não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus nascem. O próprio Senhor disse a Nicodemos : "Em verdade, em verdade vos digo que ninguém, a menos que renasça da água e do Espírito, pode entrar no reino de Deus. Pois o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não se surpreenda com o que eu lhe disse : você deve nascer de novo [8] » (João III, 5).

São João diz o mesmo : "Quem é nascido de Deus não comete pecado, porque nele está a semente de Deus; e ele não pode pecar, porque ele nasceu de

Deus (1 João, III, 9). Em outras palavras : a semente de Deus, que é graça, acompanhada pelo amor de Deus, não pode existir com o pecado mortal que nos afasta de Deus, e se não excluir o pecado venial, do qual santo João fala mais alto, eu, 8, não pode ser o princípio, mas tende a fazê-lo desaparecer cada vez mais.

O apóstolo São Pedro fala, se for possível; ainda mais claramente quando ele diz : "Por Cristo, o poder divino cumpriu as grandes e preciosas promessas, para que sejamos participantes da natureza divina " (II Petri I, 4). É também o que o apóstolo São Tiago diz quando escreve : "Todo bom presente, toda graça perfeita desce do alto, do Pai das luzes, em quem não há vicissitude, nem sombra de mudança. . Por sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que sejamos como as primícias de suas criaturas "(Ep. Jacó., I, 18).

A graça santificadora é realmente uma participação real e formal da natureza divina, pois é o princípio das operações verdadeiramente divinas; quando no céu nos alcançou em pleno desenvolvimento e não pode mais se perder, será o princípio das operações que terá absolutamente o mesmo objeto formal que as operações não criadas da vida íntima de Deus, que nos permitirá vê-lo. imediatamente como Ele se vê e O ama como Ele se ama : "Meus amados", diz São João, "somos agora filhos de Deus, que um dia ainda não teremos se manifestado; mas nós sabemos que quando este evento seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é (1 João, 3, 2).

É isso que melhor nos mostra a natureza interior da graça santificadora, o princípio de nossa vida interior. É importante insistir nisso. Este é um dos pontos mais consoladores da nossa fé, é também uma das verdades da vida que mais suscita coragem no meio das dificuldades da existência atual.

A vida eterna começou

Para entender o que a vida interior deve ser em si mesma e em suas diferentes fases, é preciso primeiro ver não apenas qual é seu princípio, mas também qual deve ser seu pleno desenvolvimento.

Agora, se questionarmos o evangelho nesse ponto, ele nos diz que a vida de graça, dada pelo batismo e nutrida pela Eucaristia, é como o germe da vida eterna.

Desde o início de seu ministério, Nosso Senhor, no Sermão da Montanha, como registrado por São Mateus, diz a todos que a ouvem, e esta é a substância do discurso : " Seja perfeito como teu Pai celestial é perfeito " (Mateus, V, 48). Ele não diz "seja perfeito como anjos", mas "como seu Pai celestial é perfeito". É, portanto, que ele traz um princípio de vida que é uma participação da própria vida de Deus. Acima dos vários reinos da natureza mineral, vegetal, animal,

acima do reino do homem, e mesmo acima da atividade natural dos anjos, é a vida do reino de Deus; vida cujo desenvolvimento completo é chamado não apenas a vida futura da qual os melhores filósofos falaram, mas o cristianismo, mas a vida eterna, medida como a de Deus, não no futuro, mas no momento único de a eternidade imóvel.

A vida futura da qual os filósofos falam é natural, quase como a vida natural dos anjos, enquanto a vida eterna, da qual o Evangelho fala, é essencialmente sobrenatural para os anjos, assim como para nós; não é apenas suprahumano, mas supraangeal, é propriamente divino. Consiste em ver Deus imediatamente como Ele se vê e em amá-Lo como Ele se ama. É por isso que Nosso Senhor pode dizer: "Seja perfeito como seu Pai celeste é perfeito ", pois você recebeu uma participação de sua vida íntima.

Enquanto o Antigo Testamento falava apenas na figura da vida eterna, simbolizada pela terra prometida, o Novo, especialmente o Evangelho de São João, fala constantemente sobre ela, e desde então é praticamente impossível terminar um sermão sem designar por esses termos a felicidade suprema à qual somos chamados.

Além disso, se perguntamos ao evangelho, especialmente o de São João, qual é a vida da graça, ele responde : É a vida eterna iniciada.

Nosso Senhor diz na verdade seis vezes no Quarto Evangelho : " Aquele que crê em mim tem a vida eterna [9] "; não só ele o terá mais tarde se perseverar, mas de certa forma ele já o possui. "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia [10] . O que essas palavras significam ? - Nosso Senhor explica-os ainda mais (João VIII, 51-53) : " Em verdade, em verdade o dizeis: quem guardar a minha palavra (pela prática dos preceitos) nunca verá a morte. " Atordoado, judeus replicar-lhe :" Agora vemos um demônio em você Abraão está morto, os profetas também, e você diz : Quem guarda a minha palavra nunca provará a morte! Quem você afirma ser ? Foi então que Jesus lhes disse: "Antes que Abraão existisse, eu sou" (Ibid., 58).

O que Nosso Senhor deseja que escutemos quando ele diz repetidamente : "Quem crê em mim tem a vida eterna" ? Ele quer dizer : Quem crê em mim com uma fé viva, unida à caridade, com o amor de Deus e do próximo, a vida eterna começou. Em outras palavras : Quem acredita em mim tem em sua semente uma vida sobrenatural que é idêntica ao fundo à vida eterna.O progresso espiritual só pode tender para a vida da eternidade se supuser o germe em nós e um germe da mesma natureza. Na ordem natural, o germe contido na glande não poderia se tornar um carvalho se não fosse da mesma natureza que ele, se não contivesse no estado latente a mesma vida. A

criança pequena também não poderia se tornar homem se não tivesse uma alma razoável, se a razão não estivesse nele. Assim, o cristão da terra não poderia ser abençoado pelo céu se não tivesse recebido a vida divina no batismo.

E como só podemos conhecer a natureza da semente contida na glande considerando-a em seu estado perfeito no carvalho, podemos conhecer a vida da graça apenas considerando-a em sua última floração, no glória que é o seu consumo. " Gratia é sêmen gloriae " , diz toda a Tradição.

Basicamente, é a mesma vida sobrenatural, a mesma graça santificadora e a mesma caridade, com duas diferenças. Aqui abaixo, conhecemos Deus sobrenatural e infalivelmente, não na clareza da visão, mas nas trevas da fé, e além disso esperamos possuí-la de uma maneira inalienável, mas, enquanto estivermos na Terra, podemos perdê-lo por culpa nossa.

Apesar dessas duas diferenças, relativas à fé e à esperança, é a mesma vida, a mesma graça santificadora e a mesma caridade. Nosso Senhor diz à mulher samaritana : " Se tesoura donum Dei : Se você conheceu o dom de Deus, foi você quem me pediu para beber ... Aquele que beberá a água que eu lhe darei ' terá mais sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará uma fonte que brota para a vida eterna " (João IV, 10-14). No templo, no último dia da Festa dos Tabernáculos, Jesus em pé também diz em voz alta, não apenas para almas privilegiadas, mas para todos : "Se alguém está com sede, venha a mim e ele beber. Quem acredita em mim, rios de água viva fluirão de seu peito(João, VII, 37). Ele disse que, acrescenta São João, do Espírito, que deve receber aqueles que nele crêem. O Espírito Santo é chamado fons vivus, fons vitae.

Jesus disse novamente: " Se alguém me ama (somente a fé não é suficiente), ele manterá minha palavra, e meu Pai o amará, e nós entraremos nele e faremos dele nosso lar nele" (João xiv. 23). Quem virá ? Não apenas a graça, o dom criado, mas as Pessoas Divinas : "Meu Pai e eu" e também o prometido Espírito Santo. A Santíssima Trindade habita em nós, nas trevas da fé, um pouco como nas almas dos santos do céu que a vêem descoberta. "Quem permanece em caridade habita em Deus, e Deus nele" (1 Joana, IV, 16).

Essa vida interior sobrenatural é muito superior ao milagre, que é apenas um sinal sensível da palavra de Deus ou da santidade de seus servos. Mesmo a ressurreição de uma pessoa morta, que sobrenaturalmente restaura a vida natural do corpo, é, por assim dizer, nada em comparação com a ressurreição de uma alma que estava na morte espiritual do pecado e que recebe a vida essencialmente sobrenatural. graça.

É realmente, na penumbra da fé, a vida eterna iniciada [11] .

É isso que faz nosso Senhor dizer novamente : "O reino de Deus não vem para atingir os olhos. Não diremos: Ele está aqui ou ali; pois veja, o reino de Deus está no meio de você "(Lucas, XVII, 20). Está escondido em você, em sua

alma, como o grão de mostarda, como o fermento que elevará toda a massa, como o tesouro enterrado em um campo, como a fonte de onde vem o rio da água viva, que nunca seque.

Ele ainda está fazendo dizer St. John em sua 1 st epístola : " Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, se nós amamos nossos irmãos " (I Joan, III, 14.). "Escrevi estas coisas para você, para que saiba que tem a vida eterna, você que acredita no nome do Filho de Deus" (1 Jo. V, 13). "A vida eterna é conhecer você, o único Deus verdadeiro e o que você enviou, Jesus Cristo" (Joana, XVII, 3).

St. Thomas expressa essa doutrina quando escreve : " Gratia nihil aliùd é quam quaedam inchoatio gloriae in nobis (Ia IIae, Q. 24. a 3, ad 2m, Item IIa, IIa, q.69, a.2 Veritate, q 14, a 2) : A graça não é senão um certo começo de glória em nós. "

Bossuet também diz : "A vida eterna iniciada consiste em conhecer a Deus pela fé (unida ao amor), e a vida eterna consumada consiste em ver Deus face a face e descoberto. Jesus Cristo nos dá a um e outro, porque nós merecemos e que é o princípio em todos os que impulsiona [12] . "

É o que a liturgia também expressa ao dizer no prefácio da missa pelos mortos : "Enim fidelibus, Domine, vita mutatur, non tollitur : Para os seus fiéis, Senhor, a vida não é removida, mas mudou e transfigurado. "

O preço da verdadeira conversão

Vemos, assim, a grandeza da conversão que faz a alma passar do estado de pecado mortal ou da dissipação e indiferença a Deus para o estado de graça, onde ela já ama a Deus mais do que a si mesmo e acima de tudo, pelo menos um amor de estima, se não de um amor verdadeiramente generoso, vitorioso sobre todo egoísmo.

O primeiro estado era um estado de morte espiritual, onde mais ou menos conscientemente alguém trazia tudo de volta para si, onde queria ser o centro de tudo e onde se tornava escravo de tudo, de suas paixões, de o espírito do mundo e o espírito do mal.

O segundo estado é um estado de vida, onde começamos a nos superar seriamente e trazer tudo de volta a Deus, amado mais do que nós. É a entrada no reino de Deus, onde a alma dócil começa a reinar com Ele em suas paixões, no espírito do mundo e no espírito do mal.

Portanto, é concebível que Santo Tomás tenha escrito : "Bonum gratiae unius (hominis), majus est, quam bonum naturae totius universi " (Ia IIae, q, 11, 3, 9, ad 2) : O mínimo grau de graça santificar em uma alma, na de, por exemplo, uma criança após seu batismo, vale mais do que o bem natural de todo o universo. Somente essa graça vale mais do que todas as naturezas criadas juntas, incluindo as angélicas, pois os anjos não precisavam de redenção, mas o dom

gratuito da graça para tender à beatitude sobrenatural a que Deus os chamava. Santo Agostinho diz que Deus, ao criar a natureza dos anjos, deu-lhes o dom da graça : "Simul in eis coudens naturam et largiens gratiam [13] "E ele afirma que" a justificação do ímpio é maior coisa a criação do céu e da terra [14] "ainda maior do que a criação da natureza angélica.

São Tomás acrescenta : "A justificação de um pecador é proporcionalmente mais preciosa que a glorificação de um justo, pois o dom da graça vai além do estado dos ímpios, que eram dignos de angústia, ao dom de A glória não vai além do estado dos justos, os quais, em razão de sua justificação, são dignos desse presente [15] . Há muito mais distância entre a natureza do homem ou mesmo entre a do anjo mais alto e a graça do que entre a graça e a glória. A natureza mais elevada criada não é de modo algum a semente da graça, enquanto é a semente da vida eterna, sêmen gloriae.

Assim acontece no confessionário, no momento da absolvição do pecador, algo maior proporcionalmente do que a entrada de uma pessoa justa. na glória.

É essa doutrina que Pascal expressa ao dizer em uma das mais belas páginas dos Pensées, que é neste ponto o resumo dos ensinamentos de Santo Agostinho e Santo Tomás : "A distância infinita dos corpos aos espíritos é a distância infinitamente espíritos mais infinitos para a caridade, pois é sobrenatural [16] ... Todos os corpos, o firmamento, as estrelas, a terra e seus reinos, não valem o mínimo de espíritos; pois ele sabe tudo isso, e ele próprio, e os corpos, nada. Todos os corpos juntos, e todos os espíritos juntos, e todas as suas produções, não valem o mínimo movimento de caridade, que é de uma ordem infinitamente superior. -De todos os corpos juntos, não podemos ter um pequeno pensamento bem - sucedido : é impossível e de outra ordem. De todos os corpos e mentes, não se pode extrair dele um movimento de verdadeira caridade : isso é impossível e de outra ordem sobrenatural [17] . "

Vemos, então, quão grande foi o erro de Lutero na justificação, quando ele quis explicá-lo, não pela infusão de graça e caridade que remete pecados, mas apenas pela fé em Cristo sem trabalha, sem amor, ou pela mera imputação externa dos méritos de Cristo, uma imputação que cobria os pecados, sem apagá-los, e assim deixava o pecador em sua contaminação e corrupção. Portanto, a vontade não foi regenerada pelo amor sobrenatural de Deus e das almas em Deus. - A fé nos méritos de Cristo e a imputação externa de sua justiça não são suficientes para que o pecador seja justificado ou convertido; ele ainda deve querer observar os preceitos, especialmente os dois grandes preceitos do amor de Deus. e o próximo "Se alguém me ama, ele cumprirá a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós iremos e nele moraremos nele" (João 14: 23). "Quem permanece em caridade habita em Deus, e Deus nele" (1 Joana, IV, 16).

Estamos aqui em uma ordem muito superior à honestidade natural, e isso não pode ser plenamente realizado sem a graça, necessária ao homem caído para amar com mais eficácia do que o Soberano Bem, Deus, autor de nossa natureza. [18] . Nossa razão, por suas próprias forças, concebe bem que devemos amar o Autor de nossa natureza, mas nossa vontade em estado de decadência não pode fazê-lo, muito menos não pode, por suas forças naturais, amar a Deus. Autor da graça, já que esse amor é essencialmente sobrenatural, tanto para o anjo quanto para nós. - Então vemos qual é a elevação da vida sobrenatural que nós receberam o batismo e qual deve ser a nossa vida interior.

Essa vida eterna iniciada é um organismo espiritual inteiro , que deve se desenvolver até entrarmos no céu. A graça santificadora, recebida na essência da alma, é o princípio radical deste organismo imperecível, que deve durar para sempre, se o pecado mortal, que é um distúrbio radical, não vier às vezes para destruí-lo [19] . Da graça santificadora, o germe da glória deriva as virtudes infundidas, primeiro as virtudes teológicas, das quais a mais alta caridade deve, como a graça santificadora, durar para sempre. "A caridade nunca passará, diz São Paulo ... Agora essas três coisas permanecem : fé, esperança, caridade; mas o maior dos três é a caridade "(1 Cor., XIII, 8, 13). Sempre durará, eternamente, quando a fé desaparecer para dar lugar à visão e, quando houver esperança, sucederá a posse inestimável de Deus claramente conhecida.

O organismo espiritual é completado pelas virtudes morais infundidas, que dizem respeito aos meios, enquanto as virtudes teológicas olham para o fim. São como muitas funções admiravelmente subordinadas, infinitamente superiores às de nosso organismo corporal. Eles são chamados de prudência cristã, justiça, força, temperança, humildade, mansidão, paciência, magnanimidade, etc.

Finalmente, para remediar a imperfeição daquelas virtudes que, sob a direção da fé e da prudência obscuras, mantêm uma maneira ainda humana de agir, existem os sete dons do Espírito Santo que habitam em nós. São como velas no barco e estamos dispostos a receber rápida e gentilmente a respiração do alto, as inspirações especiais de Deus, que nos permitem agir de uma maneira não mais humana, mas divina, com o ímpeto de correr no caminho de Deus e não recuar diante dos obstáculos.

Todas essas virtudes e dons infundidos crescem com graça e caridade santificadoras, diz Santo Tomás (Ia IIae, 66: 2), à medida que os cinco dedos da mão crescem juntos, como todos os órgãos do nosso corpo. aumentar ao mesmo tempo. Dessa maneira, não é concebível que uma alma tenha uma alta caridade sem ter o dom da sabedoria em um grau proporcional, seja de uma forma claramente contemplativa ou de uma forma prática mais diretamente

ordenada à ação. A sabedoria de um São Vicente de Paulo não é absolutamente semelhante à de Santo Agostinho, mas ambas são infundidas.

Todo o organismo espiritual se desenvolve ao mesmo tempo, embora de várias formas. E, deste ponto de vista, como a contemplação infundida dos mistérios da fé é um ato dos dons do Espírito Santo, que normalmente dispõe à visão beatífica, não é necessário dizer que está no modo normal da fé. santidade ? - Basta aqui tocar a questão, sem insistir mais nela [20] .

Para ver melhor o preço dessa vida eterna iniciada, é necessário prever qual será o seu pleno desenvolvimento no céu e quanto excederá o que nossa felicidade e nossa recompensa teriam sido se tivéssemos sido criados em um estado puramente natural.

Se tivéssemos sido criados no estado de natureza pura, com uma alma espiritual e imortal, mas sem a vida da graça, então mesmo nosso entendimento teria sido feito para o conhecimento da verdade e nossa vontade em prol do bem. Nosso objetivo teria sido conhecer a Deus, Soberano Bom, Autor de nossa natureza, e amá-lo acima de tudo. Mas nós o teríamos conhecido apenas pelo reflexo de suas perfeições em suas criaturas, como os grandes filósofos pagãos o conheceram, de uma maneira que é mais certa e sem mistura de erros. Ele teria sido para nós a primeira Causa e a Inteligência suprema que ordenou todas as coisas.

Nós o teríamos amado como o autor de nossa natureza, de um amor inferior ao superior, que não seria uma amizade, mas um sentimento de admiração, respeito, gratidão, sem aquele amor e carinho. familiaridade simples que está no coração dos filhos de Deus. Teríamos sido seus servos, mas não seus filhos.

Este último fim natural já é muito alto. Não pode produzir saciedade mais do que nossos olhos nunca se cansam de ver o azul do céu. Além disso, é um fim espiritual que, diferentemente dos bens materiais, pode ser possuído por todos e por todos, sem a posse de um dano ao do outro e gera inveja ou divisão.

Mas esse conhecimento abstrato e mediano de Deus teria permitido subsistir muitas obscuridades, especialmente na conciliação íntima das perfeições divinas. Sempre teríamos permanecido ortografados e enumerado essas perfeições absolutas, e sempre teríamos pensado em como conciliar intimamente a bondade todo-poderosa e a permissão divina do mal, de um mal às vezes tão grande que desconcerta nossa razão. Como a misericórdia infinita e a justiça infinita podem ser intimamente entrelaçadas?

Nesta bem-aventurança natural, não poderíamos deixar de dizer : Se, no entanto, eu pudesse ver esse Deus, a fonte de toda verdade e toda bondade, vê- Lo imediatamente como Ele próprio!

O que nem a razão mais poderosa nem a inteligência natural dos anjos podem descobrir, a Revelação divina nos tornou conhecida. Diz-nos que nosso último fim é essencialmente sobrenatural e que consiste em ver Deus imediatamente confrontado com rendas e, como ele é, sicuti (1 Cor., XIII, 12, 1 Joan, III, 2). "Deus nos predestinou a nos conformarmos com a imagem de Seu único Filho, para que Ele seja o primogênito entre muitos
irmãos "(Rom., VIII, 29). "O olho do homem não viu, o ouvido não ouviu, o coração não pode desejar as coisas que Deus prepara para aqueles que o amam" (1 Cor., II, 9).

Somos chamados a ver Deus, não apenas no espelho das criaturas, por mais perfeito que seja, mas para vê-lo imediatamente, sem o intermediário de qualquer criatura e mesmo sem o intermediário de qualquer idéia.
criado [21] , porque este, tão perfeito que se supõe, não poderia representar como ele mesmo é Aquele que é o mesmo Pensamento e a Verdade infinita, um puro flash intelectual eternamente subsistente e a chama brilhante Amor sem medida.

Somos chamados a ver todas as perfeições divinas concentradas e intimamente unidas em sua fonte comum: Deidade,para ver como a Misericórdia mais tenra e a Justiça mais inflexível procedem do mesmo Amor infinitamente generoso e infinitamente santo, como esse Amor, mesmo em seu prazer mais livre, se identifica com a pura Sabedoria, como Não há nada nele que seja sábio e nada na sabedoria que não se converta em amor. Somos chamados a contemplar a eminente simplicidade de Deus, a absoluta pureza e santidade, a ver a fecundidade infinita da natureza divina florescendo em três Pessoas, a contemplar a geração eterna da Palavra, "o esplendor do Pai e a figura de Deus. sua substância ", ver a inefável espiração do Espírito Santo, um termo do amor comum do Pai e do Filho, que os une na mais absoluta difusão de si mesmos. O bem é naturalmente difusivo por si mesmo, e quanto mais alto é de ordem superior, [22] .

Ninguém pode dizer a alegria e o amor que essa visão produzirá em nós, um amor de Deus tão puro e tão forte que nada será capaz de destruí-la ou diminuí-la de qualquer maneira.

Se, portanto, desejamos conhecer o preço da graça santificadora e o da verdadeira vida interior, devemos dizer que é a vida eterna iniciada, apesar das duas diferenças devidas à fé e à esperança. Só conhecemos Deus aqui embaixo nas trevas da fé e, enquanto esperamos possuí-lo, podemos perdê-lo, mas, apesar

dessas duas diferenças, é a mesma vida em suas profundezas, a mesma graça santificadora. e a mesma caridade, que deve durar para sempre.

Essa é a verdade fundamental da espiritualidade cristã. Segue-se que nossa vida interior deve ser uma vida de humildade, lembrando-se sempre de que seu princípio, a graça santificadora, é um dom gratuito e que sempre exige uma graça presente para o ato menos salutar. o menor passo à frente no caminho da salvação. Deve ser também uma vida de mortificação, como São Paulo pergunta : "Sempre mortificationem Jesu em corpore nostro circumferentes, ut e vita Jesu manifestetur em corporibus nostris" (II Cor., IV, 10); isto é, devemos morrer cada vez mais pelos pecados e suas conseqüências que permanecem em nós, para que Deus reine profundamente em nós, nas profundezas da alma. Mas nossa vida interior deve estar acima de tudo umavida de fé, esperança, caridade, união com Deus através da oração incessante; é sobretudo a vida das três virtudes teológicas e os dons do Espírito Santo que os acompanham: dons de sabedoria, inteligência, conhecimento, piedade, conselho, força e temor de Deus. Assim, penetraremos e saborearemos cada vez mais os mistérios da fé. Isso significa que toda a nossa vida interior tende à contemplação sobrenatural dos mistérios da Vida Íntima de Deus e da Encarnação Redentora, tende acima de tudo a uma união com Deus cada vez mais íntimo, um prelúdio da união sempre presente e inestimável. que será a vida eterna consumida.

As três hastes da vida espiritual

Se tal é a vida da graça e a constituição do organismo espiritual de virtudes e dons infundidos, não surpreende que o desenvolvimento da vida interior tenha sido frequentemente comparado às três eras da vida corporal : infância, adolescência e idade adulta. São Tomás (IIa IIae, q 24, a 9) indicou essa comparação. Há uma analogia aqui que vale a pena seguir, especialmente observando a transição de um período para outro.

É geralmente admitido que a infância dura até a puberdade por volta dos catorze anos, embora a primeira infância cesse com o despertar da razão, até os sete anos de idade.

A adolescência tem catorze a vinte anos. Em seguida, vem a idade adulta, que distingue entre o período antes da maturidade total e o que, depois de trinta e cinco anos, o segue, antes do declínio da velhice.

A mentalidade muda com as transformações do organismo; diz-se que a atividade da criança não é a de um homem em miniatura ou de um adulto cansado ; o elemento que domina nela não é o mesmo. A criança ainda não discerne, não se organiza racionalmente, mas segue sobretudo a imaginação e os impulsos da sensibilidade; e mesmo quando sua razão começa a despertar, ela

permanece extremamente dependente dos sentidos; uma criança nos perguntou um dia: "O que você está ensinando este ano ? - O tratado do homem. Qual homem ? Sua inteligência ainda não chegou à concepção abstrata e universal do homem como homem.

Agora, o que é notável para esse assunto é, acima de tudo, a transição da infância para a adolescência e da adolescência para a vida adulta.

No final da infância, aos quatorze anos, na época da puberdade, ocorre uma transformação não apenas orgânica, mas psicológica, intelectual e moral. O adolescente não se contenta mais em seguir sua imaginação como a criança; ele começa a pensar nas coisas da vida humana, na necessidade de se preparar para um trabalho ou função específica; ele não tem mais a maneira infantil de julgar as coisas da família, da sociedade e da religião; sua personalidade moral começa a se formar com o senso de honra, de boa reputação. Ou, pelo contrário, ao passar por esse período chamado idade ingrata, é depravado e começa a dar errado. É uma lei : você precisa sair da infância desenvolvendo-se normalmente; caso contrário, seguimos uma direção errada ou permanecemos em atraso ou instáveis, talvez até anões. "Quem não avança, recua. "

É aqui que a analogia se torna esclarecedora para a vida espiritual : veremos que o iniciante que não se torna, como deveria ser, um progressor, se sai mal ou permanece uma alma retardada, atenta e como um anão espiritual. Aqui também : "Quem não avança, recua", como os Pais da Igreja costumam dizer.

Vamos continuar a analogia. Se a crise da puberdade, tanto física quanto moral, é uma época difícil de passar, também existe outra crise que pode ser chamada de primeira liberdade, que introduz o adolescente na idade adulta. cerca de vinte anos de idade. O jovem, fisicamente bem treinado, deve começar a tomar seu lugar na vida social Ele está prestando serviço militar, e em breve chegará a hora de ele se casar e se tornar um educador, a menos que tenha recebido um chamado mais alto de Deus. Muitos passam por essa crise da primeira liberdade e, como pródigo, ao deixar a casa paterna, confundem liberdade com licença. Aqui, novamente, a lei é deixar a adolescência passar para a idade adulta, desenvolvendo-se normalmente; caso contrário, seguimos um caminho errado, onde permanecemos em atraso, daqueles que dizemos : Ele será uma criança a vida toda.

O verdadeiro adulto não é apenas um ótimo adolescente; ele tem uma nova mentalidade; ele está preocupado com questões mais gerais, pelas quais o adolescente ainda não está interessado; ele entende a idade inferior, mas ele não é entendido por ele; a conversa sobre certos tópicos não é possível ou seria muito superficial.

Há algo semelhante na vida espiritual entre o progressor e o perfeito. O perfeito deve entender as eras pelas quais passou, mas não pode pedir para ser completamente compreendido por aqueles que ainda estão lá.

O que queremos observar especialmente aqui é que, assim como há uma crise mais ou menos manifesta e mais ou menos bem tolerada para ir da infância à adolescência, da puberdade, da física e psicológica, há uma crise semelhante para passar da vida purgativa dos iniciantes para a vida iluminativa dos progressistas. Essa crise foi descrita por muitos líderes espirituais, notadamente por Tauler [23] , especialmente por São João da Cruz, sob o nome de purificação passiva dos sentidos [24] , pelo padre Lallemant, SJ [25] e muitos outros. sob o nome da segunda conversão.

Da mesma forma que o adolescente, para atingir a idade adulta certa, deve passar pela outra crise da primeira liberdade e não abusar dela assim que não estiver mais sob os olhos da criança. seus pais, portanto, para passar da vida iluminadora dos progressistas para a verdadeira vida de união, há outra crise espiritual, mencionada por Tauler [26] , descrita por São João da Cruz sob o nome de purificação passiva de o espírito [27] , que merece ser chamado de terceira conversão, ou melhor, uma transformação da alma.

São João de Croix é quem melhor observou essas duas crises na transição de uma era para outra. Vemos que eles respondem à natureza da alma humana (em suas duas partes : sensível e espiritual), também respondem à natureza da semente divina, à graça santificadora, germe da vida eterna, que deve cada vez mais vivificar todas as nossas faculdades e inspirar todos os nossos atos, até que o fundo da alma seja purificado de todo egoísmo e seja verdadeiramente tudo para Deus.

São João da Cruz, sem dúvida, descreve o progresso espiritual como aparece especialmente entre os contemplativos e entre os mais generosos, para chegar o mais diretamente possível à união com Deus. Ele mostra, assim, em toda a sua elevação, quais são as leis mais elevadas da vida da graça. Mas essas leis também se aplicam de maneira atenuada a muitas outras almas, que não alcançam um grau tão alto de perfeição, mas que, no entanto, avançam generosamente, sem voltar atrás.

Nos capítulos seguintes, gostaríamos de mostrar que, de acordo com o ensino tradicional, deve haver no início da vida espiritual, ao final de um certo tempo, uma segunda conversão, semelhante à segunda conversão dos apóstolos ao fim da Paixão do Salvador, e que mais tarde, antes de entrar na vida da união dos perfeitos, deve haver uma terceira conversão ou transformação da alma, semelhante à que ocorreu entre os apóstolos o dia de Pentecostes.

Essa diferença das três eras da vida espiritual não é, vemos, sem importância. Percebe-se particularmente na direção. Algum diretor antigo que chegou à idade do perfeito pode ter lido muito pouco dos autores místicos, e, no entanto, ele geralmente responde bem e imediatamente aplicável a perguntas delicadas em um grau muito alto, e ele responde nos termos de o Evangelho, por esta ou aquela palavra do Evangelho do dia, sem sequer parecer suspeitar da elevação de suas respostas. Enquanto um jovem padre, que leu muitos escritores místicos, mas que talvez ainda seja ele mesmo na idade de iniciantes, parece ter coisas da vida espiritual apenas um conhecimento de livros e por assim dizer verbal.

A questão que nos ocupa é, portanto, muito mais uma questão de vida. É importante considerá-lo do ponto de vista tradicional; vemos então todo o significado e escopo do ditado dos Pais : "No caminho de Deus, que não retrocede", e também vemos que nossa vida interior aqui embaixo deve ser como prelúdio normal à visão beatífica. Nesse sentido profundo, como já dissemos, a vida eterna começou "inchoatio vitae aeternae" [28] . "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim para a vida eterna, que vem em mim, tem aenernam, e eu o ressuscitarei no último dia" (João 6: 47-55).

CAPÍTULO II

A segunda conversão

Entrando no caminho iluminativo

Convertimini ad me, Dominus e salvi eritis.
"Converta-se, diz o Senhor, e você será salvo. "
(Isaías, XLV, 22.)

Vimos que a vida de graça daqui na Terra é a vida eterna iniciada, a semente da glória, "sêmen gloriae", e que existem na Terra três eras da vida espiritual, comparáveis à infância. , na adolescência e na idade adulta. Também observamos que, como há, em cerca de catorze anos, uma crise para passar da

segunda infância para a adolescência e outra para vinte anos para entrar na idade adulta, há duas crises semelhantes na vida espiritual, uma que marca a transição para o caminho iluminador dos progressistas e a outra que prepara a entrada no caminho unitivo do perfeito.

A primeira dessas crises às vezes é chamada de segunda conversão. É dela que devemos falar agora.

A liturgia, especialmente em certos dias, como durante o advento e toda a Quaresma, fala periodicamente da necessidade de conversão, mesmo para aqueles que já vivem cristianamente, mas ainda são imperfeitos demais.

Os escritores espirituais também costumam falar da segunda conversão, necessária para um cristão que, depois de já ter pensado seriamente em sua salvação e feito um esforço para andar no caminho de Deus, começa a cair de certa forma na inclinação de sua natureza. morno e remanescente de uma planta que foi enxertada e tende a retornar à natureza. Alguns escritores espirituais insistiram particularmente na necessidade dessa segunda conversão, uma necessidade que eles conheciam por experiência, como Bx Henri Suso, Tauler. São João da Cruz mostrou até profundamente que a entrada no caminho iluminado é marcada por uma purificação passiva dos sentidos, que é uma segunda conversão, e a entrada no caminho unitivo, por uma purificação passiva do espírito, que é uma conversão ainda mais profunda de toda a alma naquilo que é mais íntimo. Entre os espirituais da Companhia de Jesus, padre Lallemant, em seu belo livroA Doutrina Espiritual também escreveu: "Geralmente ocorre duas conversões para a maioria dos santos e religiosos que se aperfeiçoam: uma pela qual se dedicam ao serviço de Deus, a outra pela qual se dão completamente à perfeição. Isso foi notado nos apóstolos, quando Nosso Senhor os chamou, e quando Ele lhes enviou o Espírito Santo, o mesmo fez Santa Teresa, seu confessor, padre Alvarez, e muitos outros. Esta segunda conversão não acontece a todos os religiosos, e é por negligência deles [29] . "

Esta questão é de grande interesse para toda alma interior. Entre os santos que falaram melhor antes de São João da Cruz e que assim prepararam seus ensinamentos, é necessário contar Santa Catarina de Siena. Ela aborda esse assunto várias vezes em seu Diálogo e em suas Cartas de uma maneira muito realista e muito prática, que enfatiza com um golpe leve o ensino comumente recebido na Igreja [30] .

Seguindo o que ela escreveu, falaremos primeiro desta segunda conversão nos apóstolos, depois do que deve ser em nós: que defeitos a tornam necessária, que grandes motivos devem inspirá-la e, finalmente, que frutos ela deve vestir.

A segunda conversão dos apóstolos

Santa Catarina de Siena fala explicitamente da segunda conversão dos apóstolos em seu Diálogo, capítulo 63 [31] .

A primeira conversão deles foi quando Jesus os chamou, dizendo: "Eu farei de você pecadores dos homens. Eles seguiram Nosso Senhor, ouviram com grande admiração seus ensinamentos, viram seus milagres, participaram de seu ministério. Três deles o viram transfigurado em Thabor. Todos compareceram à instituição da Eucaristia, foram ordenados sacerdotes e comunizados. Mas quando chegou a hora da paixão, embora muitas vezes predita por Jesus, os apóstolos abandonaram seu mestre. Até Pedro, que o amava muito, se desviou para negá-lo três vezes. Nosso Senhor disse a Pedro depois da Última Ceia, que lembra o prólogo do livro de Jó: "Simão, Simão, eis que Satanás pediu que você peneirasse você como trigo,ut seu cribraret sicut triticum; mas eu orei por você, para que sua fé não falhe, e você, quando se converter, e você falar inversamente, fortaleça seus irmãos. "Senhor", disse Peter, "estou pronto para ir com você para a prisão e a morte. E Jesus lhe disse: "Pedro, eu te digo que hoje o galo não canta, que você me negou três vezes para me conhecer" (Lucas XXII, 31-34).

De fato, Pedro caiu, e até negou seu Mestre, jurando que não o conhecia.

Quando começou sua segunda conversão ? Logo após sua tríplice negação, como é relatado em Lucas XXII, 61: "No mesmo instante, enquanto ele ainda estava falando, o galo cantou. O Senhor, virando-se, olhou para Peter. E Pedro lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: Antes que o galo cante hoje, você me negará três vezes. E, tendo saído, ele chorou amargamente. Sob o olhar de Jesus e a graça que o acompanhava, esse arrependimento de Pedro deve ter sido profundo e o princípio de uma nova vida.

No que diz respeito a esta segunda conversão de Pedro, devemos lembrar o que Santo Tomás diz, IIIa, q. 89, a. 2: Mesmo após uma falha grave, se a alma tem um arrependimento verdadeiramente fervoroso e proporcional ao grau de graça perdida, ela cobre esse grau de graça; ela pode até reviver em um grau mais alto, se tiver uma contrição ainda mais fervorosa. Portanto, não é obrigado a iniciar sua escalada no início, mas ele continua no tomando o ponto onde ela tinha chegado quando ela caiu [32] .

Quem tropeça na metade do caminho e se levanta imediatamente, continua a subida.

Tudo sugere que Pedro, pelo fervor de seu arrependimento, não apenas recuperou o grau de graça que havia perdido, mas foi elevado a um nível sobrenatural de vida sobrenatural. O Senhor havia permitido que essa queda fosse curada de sua presunção, tornara-se mais humilde e confiava não mais em si mesmo, mas em Deus.

É dito no Diálogo de Santa Catarina de Siena, cap. 63: "Pedro se retirou para o silêncio para chorar, tendo cometido a falta de negar meu Filho. Sua dor, no entanto, ainda era imperfeita, e permaneceu assim por quarenta dias até depois da Ascensão. (Permaneceu imperfeito, apesar das aparências do Salvador.) Mas quando minha Verdade voltou para mim de acordo com sua humanidade, Pedro e os outros discípulos se retiraram para seu lar, para aguardar a vinda do Espírito Santo, que minha Verdade prometeu. Mantiveram-se calados, como se contidos pelo medo, porque suas almas não haviam atingido o amor perfeito. Eles não foram realmente transformados até o Pentecostes.

Porém, para Pedro e os apóstolos, antes do final da Paixão do Salvador, houve uma segunda conversão manifesta, que foi confirmada nos dias seguintes. Depois de sua ressurreição, Nosso Senhor apareceu a eles várias vezes, iluminou-os, ao dar aos discípulos de Emaús a inteligência das Escrituras, e especialmente Pedro tinha reparado sua tríplice negação, após a pesca milagrosa, por um triplo ato de amor. Como São João relata, XXI, 15, Jesus disse a Simão Pedro: " Simão, filho de João, você me ama mais do que isso? Ele respondeu: Sim, Senhor, você sabe que eu te amo. Jesus lhe disse: Alimente meus cordeiros. Ele lhe disse uma segunda vez: Simão, filho de João, você me ama?Pedro respondeu: Sim, Senhor, você sabe que eu te amo. Jesus lhe disse: Alimente meus cordeiros. Ele perguntou pela terceira vez : Simão, filho de João, você me ama? Peter ficou triste com o que estava pedindo pela terceira vez: você me ama? E ele lhe disse: Senhor, você sabe todas as coisas, você sabe que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Alimenta minhas ovelhas. Então ele anunciou em termos velados seu martírio: "Quando você for velho, estenderá as mãos e outro o cingirá e o levará aonde você não quiser. "

A tripla negação foi reparada por esse triplo ato de amor. Foi o endurecimento da segunda conversão de Pedro e uma certa confirmação na graça antes da transformação do Pentecostes.

Havia também algo especial para São João pouco antes da morte de Jesus. João, como os outros apóstolos, havia abandonado Nosso Senhor quando Judas chegou com homens armados, mas por uma graça invisível muito forte e muito gentil, Jesus levou o discípulo amado ao pé de sua cruz, e a segunda conversão de Jesus. João ocorreu quando ouviu as últimas sete palavras do Salvador expirando.

Qual deve ser a nossa segunda conversão. Os defeitos que o tornam necessário.

Santa Catarina mostra em seu Diálogo, cap. 60 e 63, que o que aconteceu com os apóstolos, nossos modelos imediatamente formados por Nosso Senhor, deve se reproduzir de uma certa maneira em nós. E mesmo deve ser dito que, se

os apóstolos precisavam de uma segunda conversão, muito mais precisamos dela mesmos. O Santo insiste particularmente nos defeitos que tornam necessária essa segunda conversão, especialmente no amor próprio.Ele persiste em graus variados nas almas imperfeitas, apesar do estado de graça, e é a fonte de uma multidão de pecados veniais, de defeitos habituais, que se tornam como traços de caráter e que tornam necessária uma verdadeira purificação de a alma, mesmo entre aqueles que de certa forma estiveram em Tabor, ou que participaram frequentemente do banquete eucarístico, como os apóstolos na última ceia.

Em seu Diálogo, cap. 6o, Santa Catarina de Siena fala dessa auto-estima descrevendo o amor mercenário do imperfeito, que, sem se importar, serve a Deus por interesse, por apego a consolações temporais ou espirituais, e que, quando são privado, derramar lágrimas de ternura sobre si mesmos [33] .

É uma mistura em si estranha [34] , mas de fato muito comum em nós, de um amor de Deus, que tem sua sinceridade, e de um amor desordenado de si mesmo. Provavelmente, amamos a Deus com um amor de estima mais do que nós mesmos, caso contrário não estaríamos em um estado de graça, teríamos perdido a caridade, mas ainda nos amamos de maneira desordenada. Não é suficiente amar a si mesmo por e em Deus. Esse estado de espírito não é branco nem preto; são grisailles, onde há mais branco que preto. Nós subimos, mas ainda há alguma tendência a cair.

Lemos neste capítulo 6o do Diálogo - é o Senhor quem fala: "Entre aqueles que se tornaram meus servos de confiança, há alguns que me servem com fé, sem medo servil: não é o único medo de castigo é o amor que os une ao meu serviço (assim, Pedro antes da Paixão). Mas esse amor não deixa de ser imperfeito, porque o que eles buscam neste serviço (pelo menos em boa parte ainda) é a própria utilidade, a satisfação ou o prazer que encontram. em mim. A mesma imperfeição também é encontrada no amor que eles têm pelo próximo. E você sabe o que demonstra a imperfeição do amor deles ?Assim que são privados dos consolos que encontraram em Mim, esse amor não é mais suficiente para eles e não pode mais ser sustentado. Ele definha e se torna cada vez mais legal comigo, quando, para exercitá-los em virtude e afastá-los de sua imperfeição, retiro esses consolos espirituais e envio-lhes lutas e aborrecimentos. Eu faço isso, no entanto, apenas para trazê-los à perfeição, para ensiná-los a se conhecer bem, a perceber que não são nada e que eles mesmos não têm graça [35] . A adversidade deve ter o efeito de levá-los a buscar refúgio em Mim, a me reconhecer como seu benfeitor, a se apegar somente a Mim

pela verdadeira humildade ...

"Se eles não reconhecem sua imperfeição, com o desejo de se tornar perfeito, é impossível que eles não voltem. " Este foi dito muitas vezes os Padres:"

No caminho de Deus, que não avançam recua. Como a criança que não cresce, não permanece criança, mas se torna anã, o iniciante que não entra quando deveria estar no caminho dos progressistas não permanece iniciante, mas se torna uma alma retardada. Parece, infelizmente! que a grande maioria das almas é encontrada, não em uma das três categorias de iniciantes, progressivas e perfeitas, mas na dos retardados ? - Onde estamos pessoalmente ? Muitas vezes é muito misterioso, e seria uma vã curiosidade indagar em que ponto da ascensão chegamos; mas é necessário não ser confundido com uma estrada e não tomar por engano aquilo que desce novamente.

Portanto, é importante ir além do amor que permanece mercenário e que às vezes permanece sem o seu conhecimento. Nesse mesmo capítulo, diz-se: "É desse amor imperfeito que São Pedro amou o bom e gentil Jesus, meu único Filho, quando sentiu tão deliciosamente a doçura de sua intimidade (no Tabor). Mas assim que chegou o tempo da tribulação, toda sua coragem o deixou. Não apenas ele não tinha forças para sofrer por ele, mas, à primeira ameaça, o medo mais servil era o motivo de sua fidelidade e ele negou, jurando que nunca o conhecera. "

Santa Catarina de Siena, no capítulo 63 do mesmo Diálogo, mostra que a alma imperfeita, que ama o Senhor com amor mercenário, deve fazer o que Pedro fez depois da negação. Não é incomum que a Providência também permita que neste momento alguma falha visível nos humilhe e nos force a retornar dentro de nós mesmos.

"Então", diz o Senhor (ibid.), " Depois de reconhecer a gravidade de sua falta e ser libertada dela, a alma começa a chorar por medo de punição; então ela se eleva à consideração de minha misericórdia, onde encontra satisfação e vantagem. Mas é, eu digo, sempre imperfeito e, para trazê-lo à perfeição ... Eu me retiro, não pela graça, mas pelo sentimento [36] ... Não é minha graça que eu o afasto, mas o gozo que ela sentiu ... de exercitá-lo a buscar-me em toda a verdade ... com desinteresse, fé viva e ódio por si mesma. E como Pedro reparou sua tríplice negação por três atos de amor mais puro e forte, a alma iluminada deve fazer o mesmo.

São João da Cruz dirá, seguindo Tauler, que observe três sinais desta segunda conversão: "Não encontramos sabor nem consolo nas coisas divinas, nem nas coisas criadas ... Mantemos a memória de Deus. com solicitude e cuidado doloroso: teme-se não servi-lo ... Deixa-se de meditar recorrendo ao sentido da imaginação, porque Deus começa a se comunicar, não mais pelos sentidos, como antes, por meio do raciocínio, mas de uma maneira mais espiritual, por um ato de simples contemplação (Dark Night, I. I, C. 9).

Segundo São João da Cruz, os progressistas ou avançados entram assim no "caminho iluminativo, onde Deus nutre e fortalece a alma através de contemplação infundida " (Noite Escura, 1. I, capítulo 14).

Santa Catarina de Siena, sem trazer tanta precisão, insiste particularmente em um dos sinais desse estado: o conhecimento experimental de nossa miséria e nossa profunda imperfeição, conhecimento que não é adquirido com precisão; é o Senhor quem dá, como ele olhou para Pedro imediatamente após a negação. Então Pedro recebeu uma graça de luz, lembrou-se, e depois de sair, chorou (Lucas, XXII, 61).

No final deste mesmo capítulo 63 do Diálogo, o Senhor diz, e é isso que São João da Cruz desenvolverá na noite passiva dos sentidos: "Afasto-me da alma ainda muito imperfeita para que ela veja e conhecer o seu pecado. Ao se ver privada de consolo, sente uma dor que a aflige; ela sente
fraco, incerto, pronto para o desânimo (sua presunção, como a de Pedro, caiu), e essa experiência o leva a descobrir a raiz do amor-próprio espiritual que está nele. É um meio para ela conhecer a si mesma, elevar-se acima de si mesma, sentar-se no tribunal de sua consciência, para não permitir que esse sentimento passe sem infligir repreensão e correção. Deve, então, armar-se com o santo ódio de si mesmo, a fim de arrancar a raiz da auto-estima que vicia seus atos, e viver verdadeira e completamente o amor divino [37] . "

O Santo percebe no mesmo lugar que muitos perigos aguardam a alma que é movida apenas por um amor mercenário. Elas são, ela diz, almas que querem ir ao Pai, sem passar pelo Jesus crucificado, e que são escandalizadas pela cruz, dadas a eles para salvá-las [38] .

Quais são os grandes motivos que devem inspirar a segunda conversão,
e quais são os frutos ?

A primeira razão que deve inspirá-lo é expressa pelo preceito supremo que é ilimitado: " Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força, com toda a tua mente " (Lucas, X 27). Esse preceito exige o amor de Deus por si mesmo, e não por interesse e apego à nossa satisfação pessoal; Ele até diz que devemos amar a Deus com toda a nossa força, quando chegar a hora da provação, para finalmente amar a Ele com toda a mente,quando estaremos estabelecidos acima das flutuações da sensibilidade nesta parte superior da alma, quando nos tornarmos "adoradores em espírito e em verdade". Além disso, esse preceito supremo não tem limites: a perfeição da caridade é a meta para a qual todos os cristãos devem tender, cada um de acordo com sua condição, este no casamento, outro na vida sacerdotal ou religiosa.

Santa Catarina de Siena insiste nos capítulos 11 e 47 do Diálogo e lembra que, para observar plenamente o preceito do amor de Deus e ao próximo, é preciso ter o espírito de conselho, ou seja, o um espírito de desapego dos bens terrestres e, de acordo com a expressão de São Paulo, deve ser usado como não uso (versículo 47).

A grande razão para a segunda conversão as observações no capítulo 60: " Meus servos deve sair desses sentimentos de amor mar cenaire, para se tornar verdadeiro filho e serve-me, sem interesse pessoal. Recompenso todo trabalho que dou a cada um, de acordo com sua condição e com suas obras. Além disso, se eles não abandonarem o exercício da oração e outras boas obras, e se sempre forem perseverantes, progredindo em virtude, chegarão a esse amor pelos filhos.E eu os amarei por sua vez, como amamos crianças, porque sempre respondo com o mesmo amor ao amor que temos por mim. Se você me ama como um servo ama seu mestre, eu o amarei como mestre, pagando-lhe o que é devido de acordo com seu mérito; mas não me manifestarei a você. Segredos íntimos são dados a seu amigo porque ele é um com seu amigo. Nós não somos apenas um com seu servo ...

"Mas se meus servos corarem com sua imperfeição, se começarem a amar a virtude, se trabalharem com ódio para arrancar de si mesmos a raiz da auto-estima espiritual, se, no auge da um tribunal de consciência e apelando à razão, eles não sofrem no coração nenhum movimento de medo servil e amor mercenário sem endireitá-los à luz da santíssima Fé, eu lhes digo que, ao fazê-lo, eles serão tão agradável que eles terão acesso ao coração do amigo. Eu me manifestarei a eles, como a Minha Verdade proclamou quando ela disse: " Quem me ama será amado por meu Pai; e eu o amarei, e me manifestarei a ele(João, XIV, 21). Estas últimas palavras expressam o conhecimento que Deus nos dá por uma inspiração especial. É a contemplação, que procede da fé iluminada pelos dons, da fé unida ao amor, que saboreia e penetra nos mistérios.

Um segundo motivo que deve inspirar a segunda conversão é o preço do sangue do Salvador, que Pedro não entendeu antes da Paixão, apesar das palavras da Última Ceia: " Este é o meu sangue que é derramado por você" (Lucas XXII, 20). Ele nem começou a entendê-lo até depois da ressurreição. Lemos em este tópico em você diálogo, ch. 60: "É isso que meus servos devem ver e entender (no meio dos aborrecimentos e provações que eu os permito); é que eu não quero nada além de seu bem, sua santificação, pelo sangue de meu único Filho, no qual foram lavados de suas iniqüidades.Com sangue eles podem saber a minha verdade, e minha verdade é esta: é dar-lhes a vida eterna que eu CREAI à minha imagem e semelhança, e que eu CREAI novamente no sangue do meu próprio Filho em fazendo deles meus filhos adotivos. "

Foi isso que Pedro entendeu depois de sua falta e depois da Paixão do Salvador; somente então ele entendeu o valor infinito do precioso sangue derramado por nossa salvação, o sangue redentor.

Vê-se aqui a grandeza de Pedro humilhada; ele está aqui muito maior do que em Tabor, pois tem o senso de sua miséria e a infinita bondade do Altíssimo. Quando Jesus anunciou pela primeira vez que iria a Jerusalém para ser crucificado, Pedro, levando seu Mestre de lado, havia lhe dito: "Deus não permita, isso não pode acontecer. Ele então falou, sem se preocupar, contra toda a economia da Redenção, contra todo o plano da Providência, contra o próprio motivo da Encarnação. E foi por isso que Nosso Senhor lhe respondeu: "Atrás de mim, Satanás; você tem apenas idéias humanas, você não entende as coisas de Deus. E agora, depois de seu pecado e conversão, Pedro humilhado tem o significado da cruz e vê o preço infinito do sangue precioso.

É fácil entender por que Santa Catarina nunca deixa de falar, em seu Diálogo e em suas Cartas, do sangue que dá eficácia ao batismo e aos outros sacramentos [39] . A cada missa, quando o sacerdote o levanta sobre o altar, nossa fé em seu poder redentor deve se tornar maior e mais vívida.

Um terceiro motivo, que deve finalmente inspirar a segunda conversão, é o amor das almas a serem salvas, um amor inseparável do amor de Deus, pois é o efeito e o sinal; ele deve estar em cada digna cristã do verdadeiro zelo nome que inspira todas as virtudes [40] . Esse amor às almas em Santa Catarina a levou a se oferecer como vítima da salvação dos pecadores. Lemos no penúltimo capítulo do Diálogo, que resume: " Você me pediu que eu perdesse a misericórdia do mundo ...Você me implorou para libertar o corpo místico da santa Igreja das trevas e das perseguições, oferecendo-se você para puni-lo pelas iniquidades de alguns de meus ministros ... Eu lhe disse que quero ter misericórdia para o mundo, mostrando que a misericórdia é a minha marca. Foi por causa da misericórdia, foi por causa do amor inefável que eu tinha pelo homem, que enviei minha Palavra, meu único Filho [41] ...

"Eu também prometo, e prometo novamente, que pela grande paciência de meus servos reformarei minha Noiva; Convidei todos a sofrer por ela, confiando-lhe a tristeza causada pela iniqüidade de alguns de meus ministros e, ao mesmo tempo, e em contraste, você pôde considerar a virtude daqueles que vivem como anjos. É através de suas lágrimas e de suas orações humildes e contínuas que desejo mostrar misericórdia ao mundo. "

Os frutos dessa segunda conversão são, como aconteceu com Pedro, um começo de contemplação pela inteligência progressiva do grande mistério da

Cruz ou da Redenção, uma inteligência vivida do valor infinito do sangue do Salvador derramado por nós.

Com esta contemplação nascente, é uma união com Deus mais livre de flutuações de sensibilidade, mais pura, mais forte, mais contínua. Consequentemente, é, se não a alegria, pelo menos a paz que se estabelece gradualmente na alma em meio à adversidade. É essa convicção, não apenas abstrata, teórica, confusa, mas concreta e vivida, que no governo de Deus tudo é ordenado para a manifestação de sua bondade [42] . O próprio Senhor o expressa no final do Diálogo, cap. 166: "Nada foi feito e nada é feito apenas pelo conselho da minha providência divina. Em todoso que eu permito, em tudo o que te dou em tribulações e em consolações temporais ou espirituais, não faço nada além do seu bem, para que você seja santificado em mim e para que a minha Verdade seja cumprida em você. . É o que diz São Paulo (Rom., VIII, 28): "todas as coisas são para o bem daqueles que amam a Deus" e perseveram nesse amor.

Não é essa a convicção estabelecida na alma de Pedro e nos apóstolos após sua segunda conversão, e também na alma dos discípulos de Emaús, quando nosso Senhor ressuscitado lhes deu a inteligência progressiva do mistério da cruz: "Ó homens sem inteligência e cujo coração é lento para acreditar em tudo o que os profetas disseram! ele diz a eles. Não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e entrasse em sua glória? E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou-lhes tudo o que se dizia dele em todas as escrituras "(Lucas XXIV, 25). Eles o reconheceram pela partir do pão.

O que aconteceu com esses discípulos no caminho de Emaús também deve acontecer conosco, se formos fiéis, no caminho da eternidade. Se para eles e para os apóstolos deve ter havido uma segunda conversão, ainda mais é necessário para nós. E sob essa nova graça de Deus, diremos também: " Freira chora nostrum ardens erat nobis dura loqueretur na via: Nosso coração não brilhou dentro de nós, quando Ele falou conosco no caminho e nos explicou as Escrituras ? "

A teologia, portanto, ajuda a descobrir o profundo significado do Evangelho; mas quanto mais avança, mais em um sentido deve se esconder; deve desaparecer um pouco como São João Batista depois de ter anunciado Nosso Senhor. Ajuda a encontrar o significado mais profundo da Revelação Divina contida nas Escrituras e Tradição e, quando presta esse serviço, deve ser apagado. Para restaurar as catedrais, para colocar algumas pedras cinzeladas no lugar certo, é necessário fazer um andaime; mas as pedras são recolocadas, os andaimes são removidos e a catedral aparece novamente em toda a sua beleza. A teologia também serve para nos mostrar a firmeza dos fundamentos do edifício doutrinário do dogma, a solidez de sua estrutura, a proporção de suas partes e, quando nos dá um vislumbre dele, [43] .

É assim na questão que nos ocupa, uma questão vital por excelência, da ordem da vida íntima de Deus.

CAPÍTULO III

A terceira conversão
ou transformação da alma,
entrando no caminho unitivo do perfeito

Todas as músicas de Spirita Sancto
(Todos eles foram cheios do Espírito Santo "
(Atos II, 4)

Falamos da segunda conversão necessária para que a alma interior saia do caminho dos iniciantes e entre no caminho progressivo ou iluminado. Vários escritores espirituais disseram, como vimos, que essa segunda conversão ocorreu para os apóstolos no final da paixão do Salvador, especialmente para Pedro após a tríplice negação.

St. Thomas observa em seu Comentário sobre St. Matthew, c. XXVI, 74, que esse arrependimento de Pedro ocorreu imediatamente, assim que o Senhor o olhou e foi eficaz e definitivo.

Porém, Pedro e os apóstolos demoraram a acreditar na ressurreição do Salvador, apesar da história que as mulheres sagradas lhes deram desse milagre que havia sido anunciado várias vezes por Jesus. Esta história lhes apareceu delírio (Lucas, XXIV, 11).

Além disso, se eles demoraram a acreditar na ressurreição do Salvador, eles apontaram, diz Santo Agostinho, [44] a pressa de ver a restauração do reino de Israel, como eles o representavam, realizado. É evidente a partir da pergunta que eles fizeram a Nosso Senhor no dia da Ascensão: quando Jesus lhes falou novamente da vinda do Espírito Santo, eles lhe perguntaram: " É então, Senhor, que você restaurará o reino de Israel? " (Atos I, 16). Ainda haverá muito a sofrer antes da restauração do reino, e será muito superior ao que os discípulos vêem.

Os escritores espirituais têm falado repetidamente sobre uma terceira conversão ou transformação dos apóstolos, que ocorreu no dia de Pentecostes. Vamos primeiro ver o que estava neles essa transformação e depois o que deve ser, proporcionalmente, em nós.

Essa transformação foi preparada neles pelo fato de que, desde a Ascensão, Jesus privou definitivamente seu povo de sua presença sensível.

Quando Nosso Senhor privou para sempre os apóstolos da visão de Sua santa humanidade, deve ter havido um grande sofrimento para eles, do qual geralmente não pensamos o suficiente. Como o Salvador se tornou sua vida, como diz São Paulo, "Mibi vivere Christus est", e à medida que a intimidade com ele crescia todos os dias, eles tinham que ter um profundo senso de solidão, como uma impressão de deserto, angústia e morte. Isso deve ter sido ainda mais sentido, porque Nosso Senhor havia anunciado a eles todos os sofrimentos futuros. Podemos ter uma leve idéia disso quando, tendo vivido em um plano superior durante um retiro fervoroso, sob a orientação de uma alma sacerdotal cheia de Deus, somos levados de volta pela vida cotidiana, que parece nos privar repentinamente de essa plenitude. Os apóstolos permaneceram com os olhos erguidos para o céu; não era mais o esmagamento da sensibilidade como durante a paixão, mas era uma privação completa, que acabaria com o espírito deles por um momento. Durante a paixão, Jesus ainda estava lá; agora ele foi roubado dos olhos deles, e eles pensaram que estavam completamente privados dele.

Foi nessa escuridão da mente que eles estavam preparados para o derramamento das graças do Pentecostes.

A descida do Espírito Santo sobre os apóstolos

"Tudo no mesmo espírito,
reunidos no Cenáculo,
perseverou em oração,
com algumas mulheres
e Maria, mãe de Jesus ... "
(Atos 1,14)

Conforme registrado nos Atos dos Apóstolos, II, 1-4: "Chegando o dia de Pentecostes (ou seja, o dia de Pentecostes, que foi celebrado cinquenta dias após a Páscoa), os Apóstolos foram todos juntos em um só lugar. De repente, ouviu-se um vento violento vindo do céu e encheu toda a casa onde estavam sentados. E eles se viram aparecer como línguas de fogo que foram divididas e repousaram sobre cada um deles. Todos estavam cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes dava expressão. "

O barulho do céu, como o de um vento impetuoso, era um sinal da ação misteriosa e muito eficaz do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, as línguas de fogo que surgiam em cada um dos apóstolos simbolizavam o que iria acontecer em suas almas.

Não é incomum que uma grande graça seja precedida por um fato impressionante, que nos afasta da sonolência; é como um despertar divino.

Aqui o simbolismo é mais claro. Enquanto o fogo purifica, ilumina e aquece, o Espírito Santo naquele tempo purificou profundamente, iluminou e inflamava a alma dos apóstolos. Esta é a profunda purificação do Espírito [45] . E São Pedro explicou (Atos 2:17) que foi isso que o Profeta Joel havia anunciado (II, 28): "Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre meus servos e Meus servos, e eles profetizarão ... Então, quem invocar o nome do Senhor será salvo. "

O Espírito Santo já habitava nas almas dos apóstolos, mas por essa missão visível [46] ele aumentou neles os tesouros da graça, virtudes e dons, iluminando-os e fortalecendo-os, para que eles ser capazes de ser testemunhas do Salvador até os confins da terra, arriscando suas vidas. As línguas de fogo são um sinal de que o Espírito Santo acendeu nas almas dos apóstolos aquela chama brilhante de amor da qual falará São João da Cruz.

Então a palavra de Nosso Senhor é cumprida (João 14:26): " O Espírito Santo, a quem meu Pai enviará a você, ensinará e lembrará tudo o que eu lhe disse. " Os apóstolos, em seguida, começou a falar" em novas linguagens, celebrando as maravilhas de Deus, magnalia Dei "de modo que as testemunhas estrangeiras do fenômeno", habitantes da Mesopotâmia ..., Capadócia, do Ponto, Ásia, Egito, romanos, cretenses e árabes que passavam por Jerusalém ficaram surpresos ao ouvi-los falar o idioma de seu país de origem "(Atos 2: 8-12). Foi um sinal de que eles tiveram que começar a pregar o evangelho a diferentes nações, como Jesus lhes ordenara: "Vá, ensine todas as nações."(Matt., XXVIII, 19).

Quais são os efeitos da descida do Espírito Santo ?

Os Atos nos mostram isso: Os apóstolos foram iluminados e fortalecidos, e sua influência santificadora transformou os primeiros cristãos; foi uma explosão de profundo fervor na igreja incipiente.

Antes de tudo, os apóstolos eram muito mais esclarecidos internamente pelo Espírito Santo sobre o preço do sangue do Salvador, sobre o mistério da Redenção, conforme anunciado pelo Antigo Testamento e realizado pelo Novo. Eles receberam a plenitude da contemplação deste mistério, que eles deveriam pregar aos homens, para salvá-los. St. Thomas diz que "a pregação da palavra de Deus deve derivar da plenitude da contemplação [47] ." Foi isso que foi altamente realizado na época, como vemos nos primeiros sermões de São Pedro relatados em Atos, e no de Santo Estêvão antes de seu martírio. Estas palavras de São Pedro e Estevão lembram as palavras do salmista:"Lgnitum

eloquium tuum vehementer e servus tuus dilexit illud (Sl. CXVIII, I40): Suas palavras, ó Senhor, são palavras de fogo, e seu servo as ama. "

Os apóstolos e os discípulos, homens sem cultura, no Dia da Ascensão, ainda perguntavam ao Divino Mestre: "Senhor, está na hora de você restaurar o reino de Israel? (Ato I, 6). em seguida, Jesus disse a eles . Não é para você conhecer os tempos, nem os tempos que o Pai estabeleceu sob sua própria autoridade. Mas quando o Espírito Santo descer sobre você, você será revestido de força e me testemunhará em Jerusalém, em toda a Judéia, em Samaria e até os confins da terra. "

E agora Pedro, que tremia diante de uma mulher durante a Paixão, que demorou a acreditar na ressurreição do Salvador, vem dizer aos judeus com autoridade e certeza que somente Deus pode dar: "Jesus de Nazaré, este homem a quem Deus testificou por você pelos milagres que realizou ... ESTE HOMEM QUE FOI ENTREGUE A VOCÊ DE ACORDO COM O DESEJO IMACTICAL E A PRESENÇA DE DEUS, você o amarrou à cruz, e morto pela mão dos ímpios [48] . Deus o ressuscitou ... (como Davi havia anunciado) ... É este Jesus, a quem Deus ressuscitou, todos somos testemunhas ... que foram ressuscitados para o céu ... eque derramou este Espírito que você vê e ouve ... Que toda a casa de Israel saiba com certeza que Deus fez do Senhor e de Cristo este Jesus, a quem você crucificou "(Atos II, 22-36). É todo o mistério da Encarnação redentora. Pedro agora vê que Jesus era uma vítima voluntária, ele contempla o valor infinito de seus méritos e derramar sangue.
Os Atos acrescentam que aqueles que ouviram esse discurso ", o coração trespassado por essas palavras, disseram a Pedro e aos outros apóstolos:" Irmãos, o que devemos fazer ? Pedro respondeu: "Arrependam-se e que todos sejam batizados em nome de Jesus Cristo, para obter perdão dos seus pecados, e você receberá o dom do Espírito Santo". Foi o que foi feito, e os Atos dizem (II, 41) que cerca de três mil pessoas naquele dia se converteram e receberam o batismo.

No dia seguinte, Pedro disse aos judeus no templo, depois de curar um nascimento coxo obtido em nome de Jesus: " Vocês mataram o AUTOR DA VIDA [49] , a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, nós somos todos testemunhas disso ... Este Jesus, a quem você crucificou ... é a pedra rejeitada por você no edifício e que se tornou a pedra angular.E SALVAÇÃO NÃO ESTÁ EM OUTRA; pois não há no céu outro nome dado aos homens, pelo qual devemos ser conhecidos "(Atos II, 14, IV, 11-12). Neste relato das graças de Pentecostes, não damos a atenção principal ao dom de línguas e carismas desse tipo, mas a essa iluminação especial que leva os apóstolos às profundezas do mistério da Encarnação redentora e, mais particularmente. na da Paixão do Salvador. É esse o mistério de que Pedro não suportava a primeira previsão feita por Jesus

anunciando que ele seria crucificado. Simão Pedro havia dito: "Deus não permita, Senhor! isso não vai acontecer com você! Jesus respondeu: " Você não entende as coisas de Deus, você só tem pensamentos humanos."(Mat. XVI, 22-23). Agora Pedro tem a inteligência das coisas de Deus, ele contempla toda a economia do mistério da Encarnação redentora; e não é só ele que é assim iluminado, mas todos os apóstolos que testemunham como ele; são os discípulos e, acima de tudo, o primeiro mártir, o diácono Santo Estêvão, que, antes de morrer, apedrejado, lembra os judeus o que Deus fez pelo povo eleito na época dos patriarcas, na época de Moisés e desde a chegada do Salvador (Atos vii. 1-53).

Mas os apóstolos no dia de Pentecostes não foram apenas iluminados, foram grandemente fortalecidos e confirmados. Jesus lhes disse: " Você será revestido da força do Espírito Santo " (Atos 1: 6). Aqueles que antes do Pentecostes ainda estavam com medo tornam-se corajosos e todos serão martirizados. Pedro e João, presos e traduzidos perante o Sinédrio, afirmam que "a salvação não existe senão" em Jesus Cristo (Atos IV, 12).

Presos novamente e espancados com varas ", os apóstolos saíram do Sinédrio alegres por terem sido julgados dignos de sofrer opróbrio pelo nome de Jesus. E todos os dias, no templo e nas casas, eles proclamavam Jesus como o Cristo "(Atos IV, 41, 42). Todos eles deram a ele o testemunho de seu sangue. Quem lhes deu essa força ? O Espírito Santo, acendendo a chama brilhante da caridade em seus corações.

Esta foi a terceira conversão, que foi uma. transformação de suas almas. A primeira conversão deles fez deles discípulos atraídos pela sublime pregação do Mestre; o segundo, no final da Paixão, havia dado a eles um vislumbre da fecundidade do mistério da Cruz, que foi então iluminado pela ressurreição; o terceiro lhes confere a profunda convicção desse mistério, do qual não deixarão de viver até o martírio.

A transformação dos apóstolos é finalmente manifestada por sua influência santificadora, pelo ímpeto de fervor profundo que eles comunicaram aos primeiros cristãos. Como mostram os Atos (II, 42-47, IV, 32-37, V, 1-11), a vida da novata Igreja era de santidade admirável ", a multidão de fiéis tinha apenas um. coração e alma "(IV, 32), tudo era comum entre eles, venderam seus bens e trouxeram o preço aos apóstolos que distribuíam a cada um de acordo com suas necessidades. Eles se reuniam diariamente para orar juntos, ouvir a pregação dos apóstolos, celebrar a Eucaristia. On. freqüentemente os viam juntos em oração, e um deles foi atingido pela caridade que reinava entre eles. "Este é o sinal", disse Nosso Senhor,que reconheceremos que vocês são meus discípulos. "

Bossuet expressou admiravelmente esse profundo fervor dos primeiros cristãos em seu Segundo Sermão para o dia de Pentecostes: " Eles são firmes contra os perigos, mas são carinhosos em amar seus irmãos;e o Espírito Todo-Poderoso, que os empurra, conhece bem o segredo de conceder contrariedades mais opostas ... Ele lhes dá um coração de carne ... movido pela caridade ... e também os faz de ferro e de bronze para resistir a todos os perigos ... Ele fortalece e suaviza, mas de uma maneira extraordinária; uma vez que são os mesmos corações dos discípulos, que parecem ser corações de diamante por sua firmeza invencível, que se tornam corações humanos e corações de carne através da caridade fraterna. Este é o efeito deste fogo celestial, que repousa sobre eles hoje. Ele amolece o coração dos fiéis e, por assim dizer, os derreteu em um só ...

"Os apóstolos do Filho de Deus já estiveram em disputa sobre o primado; mas desde que o Espírito Santo fez deles um coração e uma alma, eles não são mais ciumentos ou contenciosos. Todos acreditam que Pedro fala, presidem com ele e, se a sombra dele cura os enfermos, toda a Igreja participa desse dom e o glorifica em Nosso Senhor. Assim, devemos nos olhar como membros do mesmo corpo místico, do qual Cristo é a cabeça, e, longe de nos deixarmos com ciúmes e inveja, devemos desfrutar das qualidades de nossa a seguir, da qual nos beneficiamos, pois a mão tira vantagem do que o olho vê e o ouvido ouve.
Tais foram os frutos da transformação dos apóstolos e discípulos pelo Espírito Santo.

O Espírito Santo foi enviado para produzir esses frutos maravilhosos somente na Igreja em desenvolvimento ?
Obviamente, não. Ele continua a mesma ajuda nas gerações. Sua ação na Igreja aparece pela força invencível que ele lhe dá. Ele foi visto durante os três séculos de perseguição e pela vitória que ele conquistou em tantas heresias.

Toda comunidade cristã deve, portanto, estar em conformidade com os exemplos dados pela novata Igreja. O que precisamos aprender com ela ?

Ser apenas um coração e uma alma, banindo divisões, para trabalhar pela extensão do reino de Deus no mundo, apesar das dificuldades que se lhe opõem. Crer firme e praticamente na indefectibilidade da Igreja, que é sempre santa e que continua a produzir santos. Também devemos, com o exemplo dos primeiros cristãos, suportar com paciência e amar os sofrimentos que Deus nos envia. Cremos de todo o coração para o Espírito Santo, que nunca deixa de animar a Igreja, e para a comunhão dos santos que ela está nas almas mais generosas que vivem a maior parte de sua vida; ela pareceria muito bonita, apesar das imperfeições humanas que se misturam com a atividade de seus filhos.

Estamos muito afetados por certos pontos, mas não esqueçamos que, se às vezes houver lama no vale, no sopé das montanhas, nos cumes sempre há uma neve de uma brancura deslumbrante, ar muito puro e uma visão maravilhosa que constantemente se eleva em direção a Deus.

A purificação do espírito
necessário para a perfeição cristã

Cor mundum cria em mim, Deus.
"Senhor, cria em mim um coração puro. "
(Sal. L, 12.)

Vimos que a transformação dos apóstolos no dia de Pentecostes foi para eles uma terceira conversão. Deve haver algo semelhante na vida de todo cristão, desde a era dos progressistas até a dos perfeitos. Deve haver aqui, diz São João da Cruz, uma purificação radical do espírito, pois foi necessária uma profunda purificação da sensibilidade, para passar da era dos iniciantes para a dos progressistas, comumente chamada caminho iluminativo. E como a primeira conversão, pela qual nos afastamos do mundo para começar a andar no caminho de Deus, supõe os atos de fé, esperança, amor a Deus e contrição, mesmo dos dois seguintes; mas aqui os atos das virtudes teológicas são muito mais profundos: o Senhor, que nos faz produzir esses atos, cava o sulco na mesma direção, mas muito mais profundamente.

Deixe-1 e por que essa terceira conversão é necessária em proficientes, 2 e como o Senhor purifica a alma neste momento, 3 e quais são os frutos desta terceira conversão.

A necessidade dessa purificação do espírito

Muitas imperfeições permanecem naqueles que progridem no caminho de Deus; se a sua sensibilidade foi substancialmente purificado espiritual defeitos sensualidade, preguiça, inveja, impaciência, as manchas da idade homem permanecer em mente como oxidação, que só desaparecem sob a acção de um um fogo intenso, semelhante ao que desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. É o próprio São João da Cruz que faz essa conexão. Veja Noite Escura, I. II, cap. VI.

Essa ferrugem é encontrada nas profundezas das faculdades superiores: inteligência e vontade. É um apego a si mesmo que impede a alma de se unir profundamente a Deus. Por isso, muitas vezes estamos sujeitos à distração na oração, estupidez, incompreensão das coisas de Deus, e também ao derramamento do espírito de fora, a afetos naturais, de maneira alguma ou

pouco. inspirado pela caridade. Os movimentos de aspereza e impaciência não são raros. Além disso, muitas almas bastante avançadas se apegam demais à sua maneira pessoal de ver,na espiritualidade, e às vezes se imaginam recebendo inspirações especiais de Deus, onde são o brinquedo de sua fantasia ou o inimigo do bem. Assim, incham a presunção, o orgulho espiritual, a vaidade, desviam-se do caminho verdadeiro e enganam outras almas.

Este assunto é inesgotável, diz São João da Cruz, [50] e ainda considera apenas os defeitos relacionados à vida puramente interna; o que seria se alguém considerasse os defeitos que são prejudiciais à caridade e à justiça fraternas nas relações com superiores, iguais e inferiores, ou aqueles que mancham a prática de nossos deveres estatais, e influência que podemos exercer ?

Com orgulho espiritual, muitas vezes orgulho intelectual, ciúme, uma ambição secreta. Os sete pecados capitais são aqui transpostos para a vida do espírito, que eles ainda alteram profundamente.

Isso mostra, diz São João da Cruz (ibid., Capítulo II), a necessidade da "lavagem pesada", que é a purificação passiva do espírito, uma nova conversão, que deve marcar a entrada na vida perfeita.

"Mesmo depois de ter passado pela noite dos sentidos", diz o santo doutor, ibid., Cap. III, os avançados em sua maneira de agir e lidar com Deus permanecem vulgares [51] ; o ouro do espírito ainda não passou pelo crisol; eles entendem Deus de uma maneira infantil e falam disso da mesma maneira. Como diz São Paulo (1 Cor., XIII, 11), eles retêm os sentimentos das crianças por ainda não terem alcançado a perfeição ou a união com Deus. Ela sozinha dá idade maduraonde a mente realiza grandes coisas, sendo sua atividade mais divina que humana. Antes desta terceira conversão, ainda podemos, de certo modo, dizer almas, de acordo com a expressão de Isaías (LXIV, 6), que seus juízes ainda são como um linho sujo; é necessária uma purificação final.

Como Deus purifica a alma
no momento desta terceira conversão
ou transformação ?

A princípio, parece que ele está esfolando, em vez de enriquecê-lo. Para curá-la de todo orgulho espiritual e intelectual e manifestar a ela a profundidade da miséria que ela ainda carrega, ele deixa o entendimento na escuridão, a vontade na aridez, às vezes na amargura, e angústia. A alma, então, diz São João da Cruz depois de Tauler, deve "andar às cegas de acordo com a fé pura, que é noite escura para os poderes naturais [52] ." São Tomás disse muitas vezes: a fides não é vista : o objeto da fé é invisível, é obscuro; o grande doutor chegou a acrescentar que não se pode ao mesmo tempo acreditar e ver a mesma coisa sob

o mesmo aspecto, porque o que se acredita como tal não énão visto [53] . Agora é uma questão de entrar nas profundezas ou alturas da fé, como quando os apóstolos após a ascensão foram privados da presença sensível de Jesus que lhes havia dito (João XVI, 7): " Expedit vobis ut ego vadam; se enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; se você é um aberto, mittare eum ad ad : É bom que eu vá embora; pois se eu não for embora, o Consolador não entrará em você; mas se eu for embora, você a enviará. São Tomás admiravelmente explica essas palavras em seu Comentário sobre São João: ele diz que os apóstolos, ligados por um amor natural à humanidade de Cristo, ainda não foram suficientemente elevados pelo amor espiritual de sua divindade, eainda não eram capazes de receber o Espírito Santo espiritualmente como deveria, e como deveria estar no meio das tribulações que os aguardavam quando Jesus os privou de Sua presença sensível.

O Senhor, portanto, parece primeiro, nesta purificação como nas anteriores, despir a alma, deixá-la na escuridão e na aridez. Deve ter como lema: " Fidelidade e abandono. É aqui, acima de tudo, que a palavra de Jesus é verificada: "Quem me sequestra não tenente em tenebris, sed habebit lumen vitae : Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida" (João VIII, 12).

Aqui a alma especialmente iluminada pela luz purificadora do dom da inteligência começa a penetrar " as profundezas de Deus", como diz São Paulo [54] .

Aqui estão purificados toda a humildade da liga humana e as três virtudes teológicas. A alma então pressiona cada vez mais, sem vê-la, a infinita pureza e grandeza de Deus, acima de todas as idéias que podemos fazer dele; da mesma maneira, ela aperta todas as riquezas sobrenaturais da alma santa de Cristo,que continha daqui abaixo a plenitude da graça, "todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Colossi, II, 3). Um pouco como os apóstolos no dia de Pentecostes, ela vislumbra as profundezas do mistério da Encarnação redentora, o valor infinito dos méritos de Cristo, que morreram por nós na cruz, como São Pedro diz em seus primeiros sermões e santos. Étienne antes de seu martírio. É como um conhecimento vivido, quase experimental do mundo sobrenatural, da profunda vida cristã; é como um novo visualnela. E, ao contrário, a alma percebe sua miséria muito melhor. O principal sofrimento interior de um São Paulo da Cruz, um Santo Cura d'Ars, era sentir-se muito longe do ideal do sacerdócio, cuja grandeza lhes aparecia cada vez mais na escuridão do fé, ao mesmo tempo em que sempre viam melhor as imensas necessidades das numerosas almas que se dirigiam a elas e imploravam suas orações e sua ajuda. Esta terceira conversão ou purificação é, como se vê, a obra do Espírito Santo, que ilumina a alma com o dom da inteligência [55] . Como pela luz de um flash durante esta noite, ele

ilumina a alma dos justos que ele deseja purificar. Esse homem justo costumava dizer-lhe: " lllumina oculos meos, desquame obdormiam em mortos:Ilumine meus olhos para que eu não durma na morte "(Sl. Xii. 5). - " Deus meus, ilumina tenebras meas: Ó meu Deus, ilumina minhas trevas" (Sl. XVII, 29). - Corindo em mim, Deus, e spiritum rectum innova em visceribus meis. Não proficias-me facie morto, e spiritum sanctam tuam não me aufera. Redde mihi laetitiam salataris tui e o principal espiritual me confirmaram. Docebo iniquos via tuas, impii ad convertentur ... e exultabit lingua mea jastitiam tuam: 0 Deus, crie em mim um coração puro e renove em mim um espírito retificado. Não me jogue para longe do seu rosto. Não tire o seu Espírito Santo. Dá-me a alegria da tua salvação ... E eu celebrarei a tua misericórdia ,e os ímpios se converterão. Abra meus lábios, ó Senhor, minha boca cantará a sua justiça e a sua bondade "(Sl. 12).

A alma purificada reitera a Cristo Jesus, para que ele possa perceber nela, as palavras que proferiu: " Vim para lançar fogo na terra, e o que quero que seja espalhado por toda parte ? »(Lucas, XII, 49.)

Esta terceira purificação ou conversão é, como diz São João da Cruz [56] , "por uma influência de Deus na alma para purificá-la de sua habitual ignorância e imperfeições. Os contemplativos chamam de Contemplação Infundida, na qual Deus instrui a alma em segredo e na perfeição do amor, sem que ela intervenha, sem sequer entender como consiste essa contemplação infundida.

Essa grande purificação ou transformação é apresentada de diferentes formas entre os puros contemplativos como um santo Bruno e entre as almas dedicadas ao apostolado ou às obras de misericórdia como um São Vicente de Paulo, mas o fundo é o mesmo: em alguns e outros são purificados de toda a humildade da liga humana e das três virtudes teológicas; cujo padrão formal aparece cada vez mais acima de qualquer motivo secundário. Humildade cresceu muito como a gradação descrita por Santo Anselmo e por St. Thomas: "1 e sei que é desprezível, 2 e sofrem de ser 3 e admitir que é, 4 th querendo o próximo acredita nisso, 5e suportar pacientemente para ser dito, 6 ª aceitar ser tratado como uma pessoa digna de desprezo, 7 th adoro ser bem tratados. Como São Domingos, que preferia ir àquelas partes do Languedoc onde era maltratado e ridicularizado, e que sentia uma santa alegria por se sentir mais como nosso Senhor se humilhava por nós.

Em seguida, aparecem cada vez mais em toda a sua elevação os motivos formais das três virtudes teológicas: Suprema verdade reveladora, misericórdia sempre útil, bondade soberana infinitamente bondosa consigo mesma. Esses três motivos aparecem como três estrelas de primeira magnitude na noite do espírito, para nos guiar com segurança até o final de nossa jornada.

Os frutos dessa terceira conversão são os mesmos de Pentecostes, quando os apóstolos foram esclarecidos e fortalecidos e, quando transformados, transformaram os primeiros cristãos por sua pregação, como o livro de Atos. sermões de São Pedro e de São Estevão, primeiro mártir.
Os frutos dessa terceira conversão são, acima de tudo, com uma profunda e verdadeira humildade, uma fé viva e penetrante que começa a provar os mistérios da vida futura, é como um antegozo da vida eterna.

É também uma esperança muito firme, muito confiante, na misericórdia divina sempre útil. Para chegar a isso, é preciso ter, como diz São Paulo, " esperança contra toda esperança ".

Mas o fruto mais alto dessa terceira conversão é um amor muito grande de Deus, muito puro e muito lori, que não é impedido por nenhuma contradição ou perseguição, como foi o amor dos apóstolos que estavam felizes em sofrer por Nossa. meu senhor. Esse amor é feito de um desejo ardente de perfeição, é a fome e a sede da justiça de Deus, que é acompanhada pelo dom da força, para triunfar sobre todos os obstáculos. É a realização perfeita aqui abaixo do preceito supremo: "Você amará o Senhor seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força, com toda a sua mente. "

A partir de agora , o fundo da alma é tudo para Deus. A alma finalmente chegou a viver quase continuamente na parte superior de si mesma da vida do espírito, é uma adoradora em espírito e em verdade. Está lá nas trevas da fé como prelúdio da vida da eternidade: "quaedam inchoatio vitae aeternae ". É a realização das palavras do Salvador: " Se alguém tem sede, venha a mim e beba, e rios de água viva correrão do seu peito: Si quis sitit, veniat ad me e bibat e flumina da barriga fluente ejus aquae vivae. É verdadeiramente a água viva que brota na vida eterna, como anunciado por Jesus à mulher samaritana: "If scissors donum Dei .... peculiar para mim, e dedissem tibi aquam vivam ... Aqua quam ego dabo ei fiet in the fons aquae salientis in vitam aeternam. "

Oração ao Espírito Santo

Espírito Santo, entre em meu coração; atraia-o a você pelo seu poder, meu Deus, e me dê caridade com medo filial. Guarda-me, ó Amor inefável, de todos os maus pensamentos, aquece-me, inflama-me com o teu doce amor, e toda a dor parecerá leve para mim! Meu Pai, meu doce Senhor, me ajude em todas as minhas ações! Jesus amor, Jesus amor.
(Santa Catarina de Siena)

O cristão que se dedicou ao mediador de Maria segundo a fórmula do Beato Grignon de Montfort, depois ao Sagrado Coração, encontrará tesouros na

consagração muitas vezes renovada ao Espírito Santo. Toda a influência de Maria nos leva à intimidade de Cristo, e a humanidade do Salvador nos leva ao Espírito Santo, que nos introduz no mistério da adorável Trindade.

Consagração e oração ao Espírito Santo

0 Espírito Santo, Espírito Divino de luz e amor, eu vos consagro minha inteligência, meu coração, minha vontade e todo o meu ser por tempo e eternidade.

Que minha inteligência seja sempre dócil às vossas inspirações celestiais e ao ensino da Santa Igreja Católica, da qual você é o guia infalível; que meu coração esteja sempre inflamado com o amor de Deus e do próximo; que minha vontade esteja sempre de acordo com a vontade divina e que toda a minha vida seja uma imitação fiel da vida e das virtudes de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem, com o Pai e você, ó Espírito Santo, seja honra e glória para sempre. Que assim seja.

Indulgência de 300 dias a serem ganhos uma vez por dia, aplicáveis às almas do Purgatório.
SS Pie X.

Para renovar essa consagração, basta repetir as primeiras linhas da fórmula.

CAPÍTULO IV

O problema das três eras da vida espiritual em teologia ascética e mística

Este capítulo, escrito especialmente para teólogos, é menos útil para a maioria das almas interiores, que encontrarão a substância de uma forma mais simples e vívida no próximo capítulo.

Um dos maiores problemas da espiritualidade é perguntar: em que sentido deve ser entendida a divisão tradicional dos três caminhos purgativos, iluminativos e unitivos, de acordo com a terminologia dionisíaca, ou os iniciantes, os progressistas e os perfeitos, segundo terminologia anterior ?

Nós demos essa divisão tradicional duas interpretações significativamente diferentes, dependendo se considerado contemplação infusa

dos mistérios da fé e união com Deus, que resulta como pertencentes ao caminho normal da santidade como favores ou extraordinário não apenas de fato, mas por direito.

Posição do problema

Essa divergência de interpretação aparece se compararmos a divisão da teologia místico-ascético geralmente seguida até a segunda metade do século XVIII com a dada por vários autores que escreveram desde então. É evidente, por exemplo, se compararmos o tratado de Vallgornera, OP, Mystica theologia divi Thomas (1662), e as duas obras de Scaramelli, SJ , Diretório ascético (1751) e Diretório mistico.

Vallgornera segue quase o Carme Philippe da Santíssima Trindade, levando a divisão dada por ela à dos autores anteriores e a alguns textos característicos de São João da Cruz na época em que geralmente aparece sua purificação passiva dos sentidos. e do espírito [57] . Ele compartilha seu tratado escrito para almas contemplativas em três partes:
1) Do modo purgativo, próprio dos iniciantes, onde lida com a purificação ativa dos sentidos externos e internos, das paixões, da inteligência e da vontade, através da mortificação, meditação, oração e no final da purificação passiva dos sentidos, a partir da qual começa a contemplação infundida, e pela qual alguém é levado ao caminho iluminativo, como diz São João da Cruz, no início da noite escura, 1. I, cap. VIII e XIV.
2 e Da maneira iluminadora, exclusivo para o proficiente, onde, depois de um capítulo preliminar sobre as divisões de contemplação, ele falou dos dons do Espírito Santo, a contemplação infusa, que procede acima de todos os dons de compreensão e sabedoria e que é declarado desejável para todas as almas interiores, como moralmente necessário para a plena perfeição da vida cristã. Esta segunda parte do trabalho, após alguns artigos sobre graças extraordinárias (visões, revelações, palavras internas), termina com um capítulo em nove artigos relacionados à purificação passiva do espírito que marca a transição para o caminho unitivo. . Ainda é o que São João da Cruz disse:Noite escura, eu. II, cap. II e XI.
3 e Da vida unitiva, própria perfeito, que fala da união íntima da alma contemplativa com Deus e seus graus para a união transformadora.

Vallgornera considera essa divisão tradicional, realmente de acordo com a doutrina dos Padres, os princípios de São Tomé e os ensinamentos de São João da Cruz e os maiores místicos que escreveram sobre as três eras da vida espiritual, observando como é a transição de um para o outro em geral [58] .

Tudo diferente é a divisão dada por Scaramelli e vários autores que o seguem.

Antes de tudo, Scaramelli lida com o ascetismo e o misticismo, não no mesmo trabalho, mas em dois trabalhos separados. O ascético Direttorio, duas vezes mais tempo do que os outros quatro tratados: 1 e Meios de perfeição 2 e obstáculos (ou purgante), 3 E disposições futuros para perfeição Christian, que consiste nas virtudes moral em perfeita grau (ou modo de proficientes) 4 th a perfeição essencial do cristão, que consiste das virtudes teologais e, especialmente, na caridade (amor de conformidade no perfeito).

Este diretório ascético não fala, por assim dizer, dos dons do Espírito Santo. O alto grau de virtudes morais e teológicas, aqui descritas, não é realizado sem elas, de acordo com o ensino comum dos doutores.

O mistico Direttorio inclui cinco tratados: 1 e Introdução, que fala de doações
Espírito Santo e graças gratis datae. - 2 e (Ch XIV.) Da contemplação adquirida e infundido, que, Scaramelli reconhece, doações suficientes. - 3 e graus de contemplação infunde lembrança indistinta de responsabilidades para com a união transformadora; no cap. XXXII, Scaramelli reconhece que muitos autores ensinam que a contemplação infundida pode ser desejada humildemente por todas as almas interiores, mas ele conclui que praticamente, antes de receber uma chamada especial, é melhor não desejá-la: "Altiora você não quaesieris. Item, tr: I, c. 1, n. 10. - 4 th Graus de separados contemplação infusa (visões e palavras interiores extraordinárias). - 5 th Purificações passivas dos sentidos e da mente.

Surpreende-se ao encontrar no final deste diretório místico o tratado sobre a purificação passiva dos sentidos, que marca para São João da Cruz e os autores acima mencionados a entrada na vida iluminativa.

A divergência entre esse novo modo de dividir a teologia ascético-mística e a anterior deriva obviamente do fato de que os autores antigos, em contraste com os novos, argumentavam que todas as almas verdadeiramente internas podem humildemente desejar e pedir a Deus a graça de Deus. contemplação infundida dos mistérios da fé, os mistérios da Encarnação, a Paixão do Salvador, a Santa Missa e a vida eterna, todos manifestações da infinita bondade de Deus; eles consideravam essa contemplação sobrenatural e confusa como moralmente necessária para a união com Deus, na qual está a perfeição total da vida cristã.

Portanto, podemos nos perguntar se a nova divisão, proposta por exemplo por Scaramelli, não diminui a unidade e a elevação da vida espiritual perfeita. Ao separar assim o asceta do místico, preservamos suficientemente a unidade do todo para que assim dividamos? Uma boa divisão, para não ser superficial e acidental, mas necessariamente fundamentada, deve basear-se na própria definição do todo a ser dividido, na natureza desse todo, que aqui é a

vida da graça, chamada pela tradição " obrigado virtudes e dons [59] ", porque os sete dons do Espírito Santo, relacionados à caridade, fazem parte do organismo espiritual [60] e, como ensina São Tomás, necessário para a salvação, e ainda mais para a perfeição [61] .

Do mesmo modo, a nova concepção não diminui a elevação da perfeição evangélica, quando lida com ela no ascetismo, desconsiderando os dons do Espírito Santo, a contemplação infundida dos mistérios da fé e da fé. união resultante ? Embora insistir muito no ascetismo, não diminuí-lo, não enfraquece os motivos da prática da mortificação e do exercício das virtudes , perdendo de vista a intimidade divina à qual todo esse trabalho deve levar. ? É esclarecedor o suficiente sobre o sentimento de sofrimento, a aridez prolongada que geralmente ocorre quando você passa de uma era da vida espiritual para outra ? Este desenhoAs notícias também não diminuem a importância e a gravidade do misticismo, que, assim separado do asceta, parece tornar-se um luxo na espiritualidade de algumas pessoas privilegiadas, e um luxo que não deixa de ser perigoso? Por fim, e acima de tudo, esse modo de pensar não diminui os caminhos iluminativos e unitivos quando fala do simples ponto de vista ascético? Estes dois caminhos que normalmente pode existir sem exercitar os dons do Espírito Santo proporcionais para a caridade e as outras virtudes infusas ? Existem seis maneiras (três ascetase comum e três místicos e extraordinários, não apenas de fato, mas de direito), e não apenas de três maneiras, três eras da vida espiritual, como disseram os antigos ? Não parece que os tratados ascéticos dos caminhos iluminativos e unitivos, assim que se separam do misticismo, contêm apenas considerações abstratas sobre as virtudes morais e teológicas, ou que, se falam de maneira prática e concreta Do progresso e perfeição dessas virtudes, como Scaramelli faz, essa perfeição, segundo os ensinamentos de São João da Cruz, é manifestamente inacessível sem as purificações passivas.e sem a ajuda dos dons do Espírito Santo? É o caso de recordar as palavras de Santa Teresa: "Alguns livros devem dizer que devemos ser indiferentes ao mal que dizemos sobre nós mesmos, regozijar-nos ainda mais do que se disséssemos coisas boas, devemos fazer pouco. o caso de honra, sendo muito desapegado de seus parentes ... e muitas outras coisas do mesmo tipo. Na minha opinião, esses são puros dons de Deus, esses bens são sobrenaturais [62] . "

Para preservar melhor a unidade e a elevação da vida interior, como o Evangelho e as Epístolas nos fazem conhecer, propomos a seguinte divisão. É consistente com o da grande maioria dos autores que escreveram antes da segunda metade do século XVIII e, mencionando uma forma imperfeita dos caminhos iluminativos e unitivos, observados por São João da Cruz (Dark

Night, 1. I, Também preserva a parte da verdade contida, acreditamos, na concepção mais recente.

Divisão proposta das três eras da vida espiritual

Acima dos pecadores endurecidos, as almas sensuais que vivem em dissipação, conversão ou justificação nos colocam em um estado de graça, que o pecado não deve mais destruir em nós e que, como um germe sobrenatural, deve crescer constantemente até 'à plena floração na visão imediata da essência divina e do amor perfeito e inamable.

Após a conversão, portanto, deve começar seriamente a vida purgativa, onde os iniciantes amam a Deus fugindo do pecado mortal e do pecado venial, deliberados pela mortificação e oração externas e internas. Mas, de fato, essa vida purgativa é encontrada de duas formas muito diferentes: em algumas, realmente poucas, é intensa, generosa, é o caminho estreito da perfeita abnegação descrita pelos santos; em muitos outros, é uma vida purgativa diminuída,que por si só inclui muitos graus, desde as boas almas um pouco fracas até as tentativas de almas e atrasos que às vezes caem no pecado mortal. Será necessário fazer uma observação semelhante para os dois modos superiores, e distinguir entre eles um estado fraco e outro intenso.

A transição para a vida iluminativa é feita como resultado dos consolos sensatos que geralmente recompensam o esforço generoso da mortificação. Enquanto alguém permanece nessas consolações, o bom Deus as remove, a alma fica então na aridez sensual mais ou menos prolongada da purificação passiva dos sentidos. Essa purificação continua inabalável nas almas generosas e as conduz através da contemplação inicial infundida a toda a sua vida iluminativa; nas almas menos generosas que fogem da cruz, essa purificação é frequentemente interrompida, e elas desfrutam apenas de uma vida iluminativa diminuída e recebem contemplação infundida apenas de longe. [63] . A noite passiva dos sentidos aparece assim como uma segunda conversão, mais ou menos perfeita.

A vida plena e iluminada envolve contemplação indistinta e infundida dos mistérios da fé, que começaram em sua noite passiva dos sentidos. Apresenta-se em duas formas normais: uma claramente contemplativa, como acontece com muitos santos carmelitas; o outro ativo, como no caso de São Vicente de Paulo, que, à luz dos dons da sabedoria e do conselho, vê constantemente nas crianças pobres e abandonadas que sofrem membros de Cristo. Às vezes, essa vida plena e iluminada envolve não apenas a contemplação infundida dos mistérios da fé, mas também graças

extraordinárias.visões, revelações, palavras interiores, descritas por Santa Teresa em sua própria vida.
A transição para a vida unitiva é feita como resultado da iluminação mais abundante ou de um apostolado mais fácil ou mais radiante, que são como a recompensa da generosidade do progressor, mas na qual, por um remanescente de orgulho, deleita. Então, se o Senhor quer efetivamente levar o progressor à perfeita vida unitiva, ele a faz passar pela noite do espírito, purificação dolorosa da parte superior da alma. Se é apoiado de maneira sobrenatural, ele não interrompe, por assim dizer, até levar à perfeita vida unitiva; se a generosidadeSe falhar, haverá apenas uma vida unitiva reduzida. Essa dolorosa purificação representa a terceira conversão na vida dos servos de Deus.

A perfeita vida unitiva envolve a contemplação infundida dos mistérios da fé e uma união passiva quase contínua. Apresenta-se, como a anterior, em duas formas normais : uma quase exclusivamente contemplativa, como um São Bruno, um São João da Cruz; o outro apostólico, como São Domingos, São Francisco, São Tomás e São Boaventura. Às vezes, a perfeita vida unitiva envolve, não apenas contemplação infundida e união passiva quase contínua, mas também graças extraordináriascomo a visão da Santíssima Trindade recebida por Santa Teresa e descrita por ela na sétima morada. Nesta vida perfeita e unitiva, acompanhada ou não de favores extraordinários, há evidentemente muitos graus, mesmo para os maiores santos, para os apóstolos, para São José e para Maria.

Essa divisão das três eras da vida espiritual pode ser resumida na tabela a seguir para ser lida de baixo para cima: as três purificações ou conversões aparecem como uma transição de um estado para outro.

PROGRESSO ESPIRITUAL

Vida unitiva do perfeito
completo : extraordinário, ex. com visão da Santíssima Trindade
ordinário: forma puramente contemplativa
forma apostólica
fraco : pouca união contínua, frequentemente interrompida

Purificação passiva da mente mais ou menos bem apoiada

Vida iluminativa dos progressistas
completo : extraordinário ou acompanhado de visões, revelações ...

comum : de forma claramente contemplativa;
na forma ativa , ex. São Vicente de Paulo
fraco : atos transitórios de contemplação infundida

Purificação passiva dos sentidos mais ou menos bem apoiada

Primeira conversão ou justificação
Vida purgativa dos iniciantes
generoso : almas fervorosas
fracos : almas atendidas ou atrasadas, não sem recaídas

Primeira conversão ou justificação

Essa divisão das três eras da vida espiritual pode ser comparada ao que a tradição nos ensina, especialmente à doutrina de São Tomé sobre a graça das virtudes e dons e à de São João da Cruz sobre purificação passiva, contemplação infundida e união perfeita, o prelúdio normal para a vida do céu. Vamos comparar, por enquanto, a divisão das três idades da vida corporal, infância, adolescência e idade adulta.

Santo Tomás [64] , como sabemos, propôs ele próprio essa comparação, e existe aqui, como vimos, uma analogia que vale a pena seguir, principalmente observando a transição de um período da vida para outra.

A transição de uma época para outra na vida espiritual

Como a mentalidade da criança não é a do adolescente, nem a mentalidade deste último a do adulto, de modo que em muitas coisas a conversa entre eles não é possível, então a A mentalidade do princípio, que está na vida purgativa, não é a de quem avança na vida iluminativa, nem a do perfeito que chegou à vida da união. O perfeito deve entender as eras pelas quais passou, mas não pode pedir para ser completamente compreendido por aqueles que ainda estão lá.

Além disso, como há uma crise mais ou menos manifesta e mais ou menos bem tolerada de passar da infância para a adolescência, a da puberdade de ordem fisiológica e psicológica, há uma crise semelhante. passar da vida purgativa dos iniciantes para a vida iluminativa dos progressistas. Essa crise foi descrita por muitos líderes espirituais, notadamente por Tauler [65] , especialmente por São João da Cruz, sob o nome de purificação passiva dos sentidos [66] , pelo padre Lallemant, SJ, sob o nome de segunda conversão [67] .

Da mesma forma que o adolescente, para chegar à idade adulta, deve passar pela outra crise da primeira liberdade e não abusar dela, passando assim da vida iluminativa dos progressistas para a a verdadeira vida de união, há outra crise espiritual mencionada por Tauler [68] , descrita por São João da Cruz, sob o nome de purificação passiva do espírito, e que merece ser chamada, Vimos uma terceira conversão (Noite Escura , I. II, 1-18).

É São João da Cruz que melhor observou essas duas crises na transição de uma era para outra. Vemos que eles respondem à própria natureza da alma humana e à natureza da semente divina, que é a graça santificadora. Na noite escura, eu. Eu c. 8, depois de ter falado das imperfeições espirituais dos iniciantes, ele escreve: " A noite ou purificação dos sentidos confere à alma sua pureza, despojando-a de acordo com sua parte sensorial e acomodando o sentido ao espírito ... É comum ; ocorre no grande número de iniciantes. Então ele acrescenta, ibid.,c. 14: "Quando esta casa de sensualidade é tão pacificada, que as paixões são mortificadas, as luxúrias extinguidas e os apetites se acalmam e dormem sob a influência da Noite Purificadora (dos sentidos), a alma pode escapar por envolver-se no caminho do espírito. Começa a contar entre progressistas ou avançados, e está no caminho que também é chamado de esclarecedor. É aí que Deus, de acordo com sua vontade, nutre e fortalece a alma pela contemplação infundida, sem participar dela através do discurso, ajuda ativa ou cooperação própria. Como eu já disse, este é o efeito da Noite e purificação dos sentidos. "

As palavras que acabamos de sublinhar neste texto são muito significativas e reproduzem exatamente o original em espanhol.

Então São João da Cruz, Noite Escura, 1. II, cap. II, lida com as imperfeições peculiares à grosseria natural avançada ou progressiva, necessidade de efusão externa, presunção, orgulho secreto que ainda subsiste e mostra a necessidade da purificação passiva da mente, crise dolorosa e terceira conversão, necessárias entrar plenamente na vida da união dos perfeitos, que, como diz São Tomás, "toma especial cuidado em aderir a Deus, desfrutá-Lo e ansiar pela vida eterna, estar com Cristo (IIa IIae, 24 (9)).

Essa doutrina da Noite Escura é encontrada no Cântico Espiritual, especialmente na divisão do poema e no argumento que precede a primeira estrofe (Item, Str.4, Str.6, Str.22, v.1).

Algumas vezes foi contestada: essa alta concepção de São João da Cruz vai muito além da concepção comum de escritores espirituais, que falam em um sentido menos místico da vida iluminadora dos progressistas e da vida de união dos perfeitos. Parece, então, que os iniciantes, mencionados na Noite Escura, não

são aqueles sobre os quais geralmente falamos, mas aqueles que começam, não na vida espiritual, mas nos modos místicos.

Para isso, é fácil responder que a concepção de São João da Cruz corresponde admiravelmente à natureza da alma (sensível e espiritual), não menos que à da graça, e que os iniciantesdos quais ele fala são aqueles que são geralmente chamados; basta convencer-se de ver os defeitos que neles encontra: ganância espiritual, inclinação à sensualidade, raiva, inveja, preguiça espiritual, ao orgulho que os leva a "ter o confessor especial para casos ruins, o outro permanecendo reservado à confiança exclusiva do bem, de modo que ele retém uma excelente opinião de seu penitente (Noite Escura, 1. I, capítulo II). Estes são verdadeiros iniciantes, nem um pouco avançados no ascetismo. Somente quando ele fala dos três caminhos purgativos, iluminativos e unitivos, São João da Cruz os leva, não em um sentido diminuído, mas em sua plenitude normal.Nisso, ele preserva a tradição dos Padres, Clemente de Alexandria, Cassiano, Santo Agostinho, Dionísio e os grandes médicos da Idade Média: Santo Anselmo, Hugo de São Victor, Santo Alberto, o Grande, São Boaventura. e St. Thomas.

Isso aparece em particular pela distinção tradicional de graus de humildade, que, como resultado da conexão de virtudes, correspondem aos graus de caridade, especialmente porque a humildade é uma virtude fundamental, tanto quanto é possível. orgulho, o princípio de todo pecado. Essa gradação tradicional relacionada à humildade não conduz. com uma perfeição menor do que a que São João da Cruz fala. Vimos como St. Thomas (IIa IIae, q 161, a.6.) Os relatórios de Santo Anselmo: "1 e Sabendo que é desprezível, 2 e sofrem de ser 3 e admitir que a é 4 e deseja que o próximo acreditam que os 5 th suportar pacientemente para ser dito, 6e aceitar ser tratado como uma pessoa digna de desprezo, 7 th gostam de ser bem tratados. "

Santa Catarina de Siena, autora da Imitação, na sequência São Francisco de Sales, e todos os espirituais não falam dos graus de humildade correspondentes aos do amor de Deus. Todos os livros do ascetismo dizem mesmo que devemos nos regozijar nas tribulações e quando somos caluniados; mas, como observa Santa Teresa, já pressupõe grandes purificações, mesmo aquelas de que fala São João da Cruz, e é o resultado de uma grande fidelidade ao Espírito Santo.

Não é apenas a distinção tradicional dos graus de humildade que confirma a concepção das três eras da vida que São João da Cruz nos dá, é também a divisão clássica preservada por São Tomás (Ia IIae, q 61, §5) das virtudes políticas necessárias à vida em sociedade, das virtudes purificadoras (purgatoriae) e das virtudes da alma purificada. São Tomás não diz (ibid.),ao descrever as "virtudes purgatoriae": "a prudência despreza todas as coisas do

mundo para a contemplação das coisas divinas; ela dirige todos os pensamentos para Deus. A temperança abandona, tanto quanto a natureza pode suportar, o que o corpo exige. A força evita o medo de coisas superiores da morte e do desconhecido. A justiça finalmente nos leva totalmente a esse caminho divino ". As virtudes da alma purificada ainda são superiores. Tudo isso certamente não é inferior ao que São João da Cruz escreverá mais tarde, nem ao que o médico angélico diz sobre a união imediata da pura caridade com Deus que habita em nós [69] .

Finalmente, a divisão proposta das três idades da vida não como ele atende os três movimentos de contemplação descritos por St. Thomas (IIa IIae, q 180, 6 ..), na sequência Dionísio: 1 e contemplar a bondade de Deus, no espelho das coisas sensíveis, levante-se diretamente para ela, lembrando as parábolas que Jesus pregou aos iniciantes; 2 e contemplar a bondade divina nas verdades inteligíveis espelho ou mistérios da salvação; elevar-se a ela por um movimento espiral desde a natividade do Salvador até Sua Ascensão; 3 e contemplar a bondade soberana em si,nas trevas da fé, descrevendo o mesmo círculo várias vezes, sempre retornando à mesma verdade infinita, ouvindo-a melhor e vivendo-a profundamente.

É certo que São João da Cruz segue esse caminho tradicional, marcado pelos grandes médicos que vieram antes dele; mas ele descreve o progresso espiritual como aparece especialmente nos contemplativos, e entre os mais generosos deles para chegar " tão diretamente quanto possível união com Deus [70] ." Mostra quais são as leis mais altasda vida de graça e do progresso da caridade. Mas essas leis também se aplicam atenuadas em muitas outras almas, que não alcançam uma perfeição tão elevada, mas que, no entanto, avançam generosamente, sem voltar atrás. Portanto, um pouco em todas as coisas distingue-se um tempo forte e um tempo fraco. Por exemplo, nos trabalhos da medicina, as doenças são descritas como estando no estado agudo, enquanto observam que elas geralmente se apresentam de forma atenuada.

Dito isto, será mais fácil para nós ver quais são as características das três maneiras, insistindo na purificação ou conversão que precede cada uma das três, mesmo que não haja recaída no pecado mortal, que após justificação, a alma permaneceria em estado de graça.

Estudaremos desse ponto de vista o que constitui o estado de espírito dos iniciantes, o dos progressistas e o dos perfeitos, para ver claramente que não existem apenas estruturas convencionais, mas um progresso vital real baseado sobre a própria natureza da vida espiritual, isto é, sobre a natureza da alma e a semente divina, que é a semente da vida eterna, sêmen gloriae [71] .

CAPÍTULO V

Caracteres de cada
das três eras da vida espiritual

Justurn desàuxit Dominus pervias rectas. "O Senhor guia os justos por caminhos retos. " (Sap., X, 10.)

Vimos as concepções propostas nas três eras da vida espiritual, e especialmente a que se apresenta como a mais tradicional. Depois de dizer que analogia existe entre esses três períodos da vida da alma e os da vida do corpo: infância, adolescência, idade adulta, observamos particularmente como é a transição de um congelamento espiritual para o outro por um momento difícil que lembra qual é, na ordem natural, a crise que ocorre na criança aos catorze ou quinze anos e a da primeira liberdade do adolescente que chega aos vinte e um anos para idade adulta. Também vimos como esses diferentes períodos da vida interior correspondem aos que são notados na vida dos apóstolos.

Gostaríamos deste ponto de vista, e de acordo com os princípios de São Tomás e São João da Cruz, descrever brevemente o que constitui cada uma dessas três eras de iniciantes, progressistas e perfeitos, para mostrar os momentos sucessivos de uma evolução verdadeiramente normal, respondendo tanto à divisão das duas partes da alma (os sentidos e ao espírito) quanto à natureza da "graça de virtudes e dons" que vivifica a alma de mais além disso, eleva suas faculdades inferiores e superiores, até o fundo da alma [72] ser purificado de todo egoísmo ou amor próprio e ser verdadeiramente, sem nenhuma mentira; tudo para Deus. Veremos uma sequência lógica muito impressionante; é a lógica da vida que lhe é necessária , comandada pelo fim último:
"Justum deduxit Dominus per vias rectas : O Senhor guia os justos por caminhos justos. "

A idade dos iniciantes

A primeira conversão é a passagem do estado de pecado para o estado de graça, seja pelo batismo ou pela contrição e absolvição, se a inocência batismal não tiver sido preservada. A teologia explica longamente ao tratado sobre graça o que é justificação no adulto, como e por que exige, sob a influência da graça, os atos de

fé, esperança, caridade, contrição ou detestação de pecados cometidos [73] . Essa purificação pela infusão da graça habitual e pela remissão de pecados é, de certo modo, o tipo, o esboço de purificações futuras, que também incluirá atos de fé, esperança, amor, contrição. Muitas vezes, essa primeira conversão ocorredepois de uma crise mais ou menos dolorosa, onde se separa gradualmente do espírito do mundo, como pródigo, para retornar a Deus. É o Senhor quem dá o primeiro passo em nossa direção, como ensinado pela Igreja contra o Semipelagianismo [74] , é ele quem nos inspira com o bom movimento, a boa vontade inicial, que é o começo da salvação. . Para esse propósito, por sua graça atual e por provação, ele lavra nossa alma de certa maneira, antes de depositar a semente divina; ele cava pela primeira vez o sulco, sobre o qual retornará mais tarde
o mesmo significado e muito mais profundo para eliminar as raízes ruins que permanecem, assim como o produtor de vinho para libertar a videira que já cresceu, de tudo o que a impede de se desenvolver.

Após essa primeira conversão, se a alma em estado de graça não cair, ou se pelo menos não demorar muito para subir para avançar [75] , está no caminho purgativo dos iniciantes.

A mentalidade ou estado de espírito do iniciante pode ser descrito observando acima de tudo nele o que é mais importante na ordem do bem: o conhecimento de Deus e de si mesmo e o amor de Deus. É certo que há iniciantes particularmente favorecidos, como os grandes santos em sua infância, que têm um grau de graça mais alto do que muitos progressistas; assim, existem, do ponto de vista natural, pequenos prodígios, mas, finalmente, ainda são crianças, e pode-se dizer no que geralmente é a mentalidade daqueles que começam. Eles começam a conhecer a si mesmos, a ver sua miséria, sua indigência e devem diariamente examinar cuidadosamente sua consciência para se corrigir. Ao mesmo tempo , começam a conhecer Deus, no espelhode coisas sensíveis, os de natureza ou parábolas, como os do filho pródigo, a ovelha perdida, do Bom Pastor. É o movimento correto de elevação em direção a Deus, que lembra o da cotovia quando ela se eleva da terra em direção ao céu, proferindo um grito [76] . - Neste estado, há um amor de Deus proporcional; os iniciantes verdadeiramente generosos amam o Senhor com um santo medo do pecado, que os faz fugir do pecado mortal, mesmo pecado venial deliberado, pela mortificação dos sentidos e paixões desreguladas, ou pela concupiscência da carne, a dos olhos. e orgulho.

Depois de um certo tempo dessa luta generosa, eles geralmente recebem, como recompensa, consolos sensatos na oração, no estudo também das coisas divinas. O Senhor conquista, assim, a sensibilidade deles, pois eles vivem especialmente através dela; ele a afasta de coisas perigosas e a atrai para

ele. Nesses momentos, o iniciante generoso já ama a Deus "de todo o coração", mas ainda não com toda a alma, com toda a força, nem com toda a mente. Escritores espirituais costumam falar desse leite de consolaçãoque é então dado. São Paulo diz a si mesmo, I Cor. III, 2: "Não fui como homens espirituais que pude falar com você, mas como homens carnais, como com crianças pequenas em Cristo. Dei-lhe leite para beber, não alimentos sólidos, porque você não foi capaz. "

Mas então o que acontece geralmente ? Quase todos os iniciantes, recebendo essas consolações sensatas, sentem muita complacência, como se fossem, não um meio, mas um fim. Logo se tornam um obstáculo, uma oportunidade de ganância espiritual, curiosidade no estudo das coisas divinas, orgulho inconsciente quando gostamos de falar sobre isso, sob o pretexto de apostolado, como se já fossemos um mestre. . Então São João da Cruz (Noite Escura, 1 I, c 1 a 7), os sete pecados capitais reaparecem, não mais em sua forma grosseira, mas na ordem das coisas espirituais, como tantos obstáculos piedade verdadeira e sólida.

Consequentemente, nada mais lógico e mais vital como transição, é necessária uma segunda conversão, que São João da Cruz descreve sob o nome de purificação passiva dos sentidos " , comum entre o grande número de iniciantes (Dark Night, 1). I, capítulo 8) "introduzi-los" na vida iluminativa dos avançados, onde Deus nutre a alma através de contemplação infundida (Ibid., Capítulo 14). Essa purificação se manifesta por uma aridez sensível prolongada, na qual o iniciante é privado de consolações sensatas, onde é muito indulgente. Se existe, nessa aridez, um forte desejo de Deus,do seu reinado em nós e do medo de ofendê-lo, é um segundo sinal de que existe uma purificação divina ali. E ainda mais se a esse desejo aguçado de Deus se acrescentar a dificuldade da oração para fazer considerações múltiplas e fundamentadas, e a inclinação de simplesmente olhar para o Senhor com amor (Ibid., Cap. 9). Este é o terceiro sinal, que mostra que a segunda conversão é realizada e que a alma é elevada a uma forma de vida mais elevada, a do caminho iluminativo.

Se a alma tolera essa purificação, sua sensibilidade se submete cada vez mais à mente; a alma é curada da gula espiritual, dos soberbos que a levaram a posar como mestre; ela aprende a conhecer melhor sua indigência. Não é incomum, então, surgir outras dificuldades purificadoras, por exemplo, no estudo, na prática dos vários deveres de estado, nas relações com as pessoas a quem alguém estava muito apegado e que às vezes o Senhor remove e dolorosamente de nós. Com bastante frequência, nesse período de tempo, surgiram fortes tentações contra a castidade e a paciência, permitidas por Deus, de modo que, por uma reação vigorosa, essas virtudes, que têm seu lugar na

sensibilidade, são fortalecidas e verdadeiramente enraizadas em nós. A doença também pode vir para nos testar.

Nesta crise, o Senhor ara a alma novamente, ele mergulha muito mais fundo no sulco, que ele já traçou no momento da justificação, ou primeira conversão; ele erradica as raízes ou restos ruins do pecado, "reliquias peccati".

Essa crise certamente não está isenta de perigo, como na ordem natural da catorze ou quinze anos. Alguns aqui são infiéis à sua vocação. Muitos não passam por essa provação a fim de entrar na vida iluminativa dos progressistas e permanecem em uma certa morna; que já não é estritamente verdadeiro aposta incipiente, mas as almas retardado ou morna. Nelas são realizadas em um sentido as palavras da Sagrada Escritura: "Eles não reconheceram o tempo da visita do Senhor [77] A hora da segunda conversão. Essas almas, especialmente se estão na vida religiosa ou na vida sacerdotal, não tendem à perfeição o suficiente; sem tomar cuidado, eles impedem muitos outros e são um obstáculo doloroso para aqueles que desejam seriamente avançar. Assim, muitas vezes a oração comum, em vez de contemplativa, se materializa, se torna mecânica; em vez de vestir almas, as almas devem usá-lo; pode se tornar, infelizmente! anticontemplative.

Para aqueles que, pelo contrário, passam por essa crise com lucro, parece, segundo São João da Cruz (Noite Escura, 1. I, capítulo 14), como o início da contemplação infundida dos mistérios da fé, acompanhada pelo forte desejo. de perfeição. Então, sob a iluminação, acima de tudo, do dom da ciência (cf. Thomas, IIa IIae, q, 9, a 4.), o iniciante, que se torna um progressor e entra na vida iluminativa, conhece muito melhor sua miséria, a vaidade das coisas do mundo, a busca de honras e dignidades; emerge desses atrasos; é necessário "dar o passoComo o padre Lallemant diz, para entrar no caminho iluminado. É então como uma nova vida que começa, como a criança que se torna adolescente.

É verdade que essa purificação passiva dos sentidos, mesmo para quem a entra, é mais ou menos manifesta e mais ou menos bem apoiada. São João da Cruz observou (Noite Escura, 1. I, capítulo 9, fim). Falando sobre aqueles que são menos generosos: "Para eles, a noite de secura de significado é frequentemente interrompida. Um a um, é sentido e desaparece; às vezes a meditação discursiva é impossível e, em outro momento, torna-se fácil ... Eles nunca acabam com o desmame, a fim de abandonar considerações e raciocínios; eles têm essa graça apenas de forma intermitente.Isso significa dizer que eles têm apenas uma vida iluminativa diminuída. O que São João da Cruz explica mais [78] por sua falta de generosidade: "Devemos explicar aqui por que existem tão poucos que atingem esse alto estado de perfeição e união com Deus. Certamente não é que Deus queira limitar essa graça a um pequeno número de almas superiores; seu desejo é que a perfeição seja comum a todos ...

Ele envia provações leves a uma alma e ela é fraca, foge imediatamente de todo sofrimento, não quer aceitar nenhuma dor ... Então, Deus não continua a purificar essas almas ... que querem ser perfeitas, sem se deixar levar pelo caminho de teste que forma as perfeitas. "

Tal é a transição mais ou menos generosa para uma forma de vida superior. Até agora, é fácil ver a sequência lógica e vital das fases pelas quais a alma deve passar. Não é uma justaposição mecânica de estados sucessivos, é o desenvolvimento orgânico da vida.

A idade dos progressistas ou avançados

A mentalidade dos progressistas ou avançados deve ser descrita como a anterior, insistindo especialmente no conhecimento e no amor a Deus. Com o conhecimento de si mesmos, desenvolve um conhecimento quase experimental de Deus, não apenas no espelho das coisas sensíveis da natureza ou parábolas, mas no espelho dos mistérios da salvação,com quem eles se tornam cada vez mais familiarizados e com quem o Rosário, uma escola de contemplação, coloca diante de seus olhos todos os dias. Não é mais apenas no espelho do céu estrelado, do mar ou das montanhas que se contempla a grandeza de Deus, não é mais apenas nas parábolas do Bom Pastor ou do filho pródigo, 'está no espelho incomparavelmente superior dos mistérios da Encarnação e da Redenção [79] . De acordo com a terminologia de Dionísio, preservada por São Tomás (IIa IIae, 180, a 6), por um movimento espiral, a alma nasce, dos mistérios da Encarnação ou da infância de Cristo, para os de sua paixão, de sua ressurreição, de sua ascensão e de sua glória, e nesses mistérios ela contempla o esplendor da bondade soberana de Deus, que se comunica admiravelmente conosco. Nessa contemplação mais ou menos frequente, os avançados recebem, de acordo com sua fidelidade e generosidade, abundância de luz pelo dom da inteligência, que os faz penetrar cada vez mais nesses mistérios e os faz aproveitar a beleza tão alta e intensa. tão simples, acessível aos humildes que têm o coração puro.

Na era anterior, o Senhor havia conquistado a sensibilidade deles, e aqui ele submete sua inteligência profundamente, elevando-a acima das preocupações e complicações excessivas de uma ciência humana demais. Ele os simplifica espiritualizando-os.

Como resultado, e muito normalmente, esses progressistas, assim iluminados nos mistérios da vida de Cristo, amam a Deus, não apenas fugindo do pecado mortal e do pecado venial deliberado, mas imitando as virtudes de Nosso Senhor, sua humildade, sua gentileza, paciência, observando não apenas os preceitos necessários para todos, mas os conselhos evangélicos de pobreza,

castidade, obediência ou, pelo menos, o espírito desses conselhos, e evitando imperfeições.

Como aconteceu na era anterior, essa generosidade é recompensada, não mais precisamente por consolações sensatas, mas por uma maior abundância de luz na contemplação e no apostolado, por fortes desejos pela glória de Deus e da salvação das almas, com maior facilidadeorar. Não é incomum haver a oração da tranquilidade, onde a vontade é um momento cativado pela atração de Deus. Há também neste período uma grande facilidade para atuar no serviço de Deus, ensinar, dirigir, organizar obras etc. Está lá para amar a Deus, não apenas com todo o seu coração, mas "com toda a sua alma", com todas as suas atividades, ainda não "com toda a sua força", nem com "todo o seu espírito", porque não ainda não está estabelecido nesta região superior chamada espírito.

O que acontece então geralmente? Algo semelhante ao que aconteceu aos iniciantes recompensado por consolações sensatas; acontece que temos prazer, por um orgulho inconsciente,nesta grande facilidade de orar ou agir, de ensinar, de pregar. Tendemos a esquecer que esses são dons de Deus e os desfrutamos com um espírito próprio, que não é de forma alguma apropriado para um adorador em espírito e em verdade. É para o Senhor, sem dúvida, e para as almas que trabalhamos, mas na verdade não nos esquecemos o suficiente; pela auto-indagação inconsciente e pela ansiedade natural, a pessoa se torna exteriorizada pela perda da presença de Deus; achamos que podemos estar carregando muita fruta e não é seguro. A pessoa se torna demasiadamente segura de si mesma, dá-se muita importância, exagera talvez seus talentos; esquecemos nossa própria miséria, enquanto vemos apenas demais a dos outros; a pureza da intenção, a verdadeira lembrança, a perfeita retidão são muitas vezes necessárias; ainda existe uma mentira na vida:a profundidade da alma, como diz Tauler, não é realmente suficiente para Deus; após o fato, ele recebe uma intenção que dificilmente é metade para ele. São João da Cruz (Noite Escura, II, cap. 2) notou esses defeitos dos avançados à medida que aparecem entre os puros contemplativos, que "ouvem sua fantasia, acreditando que encontram conversas com Deus e os santos". ou que são seduzidos pelas ilusões do maligno. Não há falhas menos notáveis, relatadas, por exemplo, por Santo Afonso, entre os homens apostólicos que se encarregam das almas. Esses defeitos dos avançados aparecem especialmente nas contradições que devem sofrer, nos grandes conflitos de opiniões, onde, às vezes, mesmo nesta era da vida espiritual, as vocações podem afundar. Torna-se então claro que não se mantém suficientemente a presença de Deus e que, ao procurá-la, ainda se procura muito. Daí a necessidade de uma terceira purificação, da lavagem forte da purificação do espírito, para limpar o fundo das faculdades superiores.

Sem essa terceira conversão, não entraremos na vida de união, que é a idade adulta da vida espiritual.

Esta nova crise é descrita por São João da Cruz (Dark Night, 1. II, capítulos 3 e seguintes). Em toda a sua acuidade e profundidade, como ocorre nos grandes contemplativos, que, além disso, costumam sofrer. não apenas para serem purificados, mas para as almas por quem se ofereceram. Esse teste é um pouco diferente entre os homens apostólicos, muito generosos, que alcançam uma alta perfeição, mas é freqüentemente menos manifesto neles, porque está misturado com o grande sofrimento do apostolado.

Em que consiste essencialmente essa crise ? A alma parece então despida, não apenas de consolações sensatas, mas de sua luz sobre os mistérios da salvação, de seus ardentes desejos, dos que facilitavam a ação, o ensino, a pregação, onde se deliciava com um segredo. orgulho, preferindo-se a outros. É o momento de uma grande aridez não apenas sensível, mas espiritual,durante a oração e serviço. Não é incomum que surjam fortes tentações, não mais precisamente contra a castidade e a paciência, mas contra as virtudes da parte mais alta da alma, contra a fé, a esperança, a caridade para com o mundo. depois, e até a caridade para com Deus, que parece cruel ao sentir assim almas em tal crisol. Geralmente, neste período da vida, surgem grandes dificuldades no apostolado: desvios, obstáculos, falhas. Acontece com bastante freqüência que o apóstolo deve sofrer calúnias e a ingratidão de almas às quais há muito se beneficia; isso deve levá-lo a amá-los mais puramente por Deus e nele. Assim, esta crise ou purificação passiva do espírito é como uma morte mística, a morte do velho de acordo com as palavras de São Paulo: "Nosso velho homem foi crucificado com Jesus Cristo, para que o corpo do pecado fosse destruído (Romanos 6: 6)." É necessário "despir-se do velho corrompido por concupiscências enganosas e renová-lo em seu espírito e pensamentos, colocando o novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef IV, 22)".

Tudo isso é profundamente racional; é a lógica do desenvolvimento da vida sobrenatural. "Às vezes, diz São João da Cruz, no abraço da purificação, a alma se sente magoada e machucada com forte amor. É um ardor que ilumina a mente, quando a alma carregada de tristezas é profundamente ferida pelo amor divino. O fogo do amor de Deus é como aquele que seca gradualmente a madeira, penetra, inflama e a transforma em si mesma [80] . Deus permite que as provações deste período levem os avançados a uma fé superior, a uma esperança mais firme, a um amor mais puro; porque é absolutamente necessário que o fundo da almapara Deus e somente para Ele. O significado das palavras das Escrituras é então ouvido: "O Senhor prova os justos, como ouro na fornalha, e

os recebe como host do holocausto (Wisdom, III, 6.). "Os justos clamam ao Senhor, e ele os ouve; ele os livra de todas as suas ansiedades. Ele está perto daqueles que têm o coração partido ... Frequentes são as tribulações dos justos, mas o Senhor as livra (Sl. XXX, 18-23). "

Esta crise, como a anterior, não é isenta de perigo; exige grande magnanimidade, vigilância, fé muitas vezes heróica, esperança contra toda esperança, que se transforma em abandono perfeito. O Senhor pela terceira vez arar a alma, mas muito mais profundamente, tão profundamente como a alma parece oprimido por essas aflições espirituais, que o profetas centavo vento faladas, especialmente Jeremias no capítulo III das Lamentações.

Quem passa por esta crise ama a Deus, não apenas com todo o seu coração e alma, mas, de acordo com a gradação das Escrituras (Deuteron, VI, 5, Lucas, X, 27.) com toda sua força , e está pronto para amar "com toda tua mente" para se tornar "um adorador em espírito e em verdade " estabelecida de alguma forma esta parte superior da alma que todos nós devemos levar.

A idade do perfeito

Qual é o estado de espírito dos perfeitos após essa purificação, que era para eles como uma terceira conversão? Eles conhecem a Deus de uma maneira quase experimental e quase contínua;não apenas durante as horas de oração ou serviço divino, mas no meio de ocupações externas, eles não perdem a presença de Deus. Considerando que, no começo, o homem egoísta pensa constantemente em si mesmo e, sem se preocupar, traz tudo de volta para si, o perfeito pensa constantemente em Deus, em sua glória, na salvação de almas, e faz o mesmo. instinto de convergir. A razão é que ele não mais contempla Deus sozinho no espelho das coisas sensíveis, parábolas ou nos mistérios da vida de Cristo, que não podem durar o dia inteiro; mas na penumbra da fé ele contempla a bondade divina em si mesma,um pouco, pois constantemente vemos a luz difusa que nos cerca e ilumina todas as coisas de cima. É, de acordo com a terminologia de Dionísio, guardada por São Tomás (IIa IIae, q 180, a 6), o movimento da contemplação, não mais reto ou espiral, mas circular, semelhante ao vôo da águia que, depois de se elevar muito alto, gosta de descrever o mesmo círculo várias vezes e de pairar imóvel enquanto percorre o horizonte.

Essa contemplação muito simples remove as imperfeições que advêm da ansiedade natural, da busca inconsciente de si mesmo, da falta de lembrança habitual.

Esses perfeitos se conhecem não apenas em si mesmos, mas em Deus, seus princípios e seus fins; eles se examinam pensando no que está escrito sobre sua existência no livro da vida e nunca deixam de ver a distância infinita que os

separa de seu Criador; daí a humildade deles. Essa contemplação quase experimental de Deus procede do dom da sabedoria e, por sua simplicidade, pode ser quase contínua: em meio a trabalhos intelectuais, conversas, ocupações externas, dura, enquanto não pode ser. mesmo do conhecimento de Deus no espelho das parábolas ou no dos mistérios de Cristo.

Finalmente, como o egoísta, sempre pensando em si mesmo, se ama mal em tudo, o perfeito, quase sempre pensando em Deus, o ama constantemente, não apenas fugindo do pecado ou imitando virtudes de nosso Senhor, mas "aderindo a ele, gostando, e, como diz São Paulo, ele quer partir e estar com Cristo [81] ." É o puro amor de Deus e as almas em Deus, é o zelo apostólico, mais ardente do que nunca; mas humilde, paciente e gentil. Isso é verdadeiramente amar a Deus, não apenas "com todo o coração, com toda a alma, com toda a força", mas, de acordo com a gradação, " com toda a mente".pois o perfeito não sobe mais de vez em quando para aquela região superior de si mesmo; ele é estabelecido lá; ele é espiritualizado e sobrenaturalizado; ele se tornou verdadeiramente "um adorador em espírito e em verdade". Essas almas quase sempre mantêm a paz em meio às circunstâncias mais dolorosas e imprevistas, e a comunicam com frequência suficiente aos mais perturbados. É isso que faz Santo Agostinho dizer que a bem-aventurança do pacífico corresponde ao dom da sabedoria que, com caridade, domina nessas almas, cuja cópia eminente, segundo a santa alma de Cristo, é a Virgem Maria .

Assim, pensamos que a legitimidade da divisão tradicional das três eras da vida espiritual, como São Tomás, Santa Catarina de Siena, Tauler, São João da Cruz, a compreendeu. A passagem de uma época para outra é explicada logicamente pela necessidade de uma purificação que é de fato mais ou menos manifesta. Não existem quadros justapostos artificialmente mecanicamente, é um desenvolvimento vital, onde cada passo tem sua razão de ser. Se a coisa nem sempre é entendida, é porque não cuidamos suficientemente dos defeitos dos iniciantes muito generosos, nem dos avançados; é que desde então não vemos o suficiente a necessidade de uma segunda e até uma terceira conversão; isto éesqueçamos que cada uma dessas purificações necessárias é mais ou menos bem suportada e, portanto, introduz um grau mais ou menos perfeito de vida iluminativa ou vida de união [82] .

Se não prestamos atenção suficiente à necessidade dessas purificações, não podemos ter uma boa idéia de qual deve ser o estado de espírito dos progressistas e dos perfeitos. É da necessidade de uma nova conversão que o próprio São Paulo falou escrevendo aos Colossenses, III, 10: "Não minta um ao outro, pois você despojou o velho com suas obras. e, vestido com o novo homem, que, constantemente renovando-se à imagem de quem o criou, alcança o

conhecimento perfeito ... Acima de tudo, coloque a caridade, que é o vínculo da perfeição. "

CAPÍTULO VI

Paz do reino de Deus, um prelúdio para a vida do céu

Se seguirmos o caminho de generosidade, abnegação e despojo, indicado pelos santos, acabamos conhecendo e experimentando as alegrias do profundo reino de Deus em nós.

Os prazeres verdadeiramente espirituais vêm da cruz, do espírito de sacrifício, que nos leva a morrer em inclinações desordenadas, e assegura o primeiro lugar ao amor de Deus e às almas de Deus, à caridade que é a fonte de paz, a tranquilidade da ordem. As profundas alegrias não penetram na alma enquanto os sentidos e a mente não forem purificados e refinados por muitas tribulações e sofrimentos que se destacam dos criados. Como é dito nos Atos dos Apóstolos, XIV, 21: "É por muitas tribulações que devemos entrar no reino de Deus. "

O despertar divino

Depois desta noite escura e dolorosa, diz São João da Cruz, como um despertar divino: " A alma pensa em alguém que acorda e cujo primeiro ato é sugar o ar. É como se ela estivesse dizendo: Você acorda, ó esposa do verbo, no centro e nas profundezas da minha alma, onde permanece em segredo e em silêncio como mestre soberano (Vive Flamme , 4ª str. 1)). Este despertar de Deus é uma inspiração da Palavra que manifesta seu reino, sua glória e sua íntima suavidade (Ibid.).

Essa inspiração revela o rosto de Deus radiante de graça e as obras que ele realiza. "Este é o grande prazer deste despertar: conhecer as criaturas por Deus, e não Deus pelas criaturas, conhecer os efeitos por sua causa, e não a causa pelos efeitos (Ibid.). É quando a oração do salmista é respondida: " Acorde! Por que você dorme, Senhor? Acordar. "Exsurge, quare obdormis, Domine? Exsurge e não repele in finem. Quare faciem tuam avisado? oblivisceris inopiae nostrae e tribulationis nostrae(Salmo XLIII, 24). "Acorde, Senhor", isto é, diz São João da Cruz (Ibidem): "Acorde-nos, porque estamos dormindo ... acorde-nos para que possamos reconheça e ame os bens que você deixou de nos oferecer. "

Essa graça é expressa no Salmo XXXIX: "Exspectans, exspectavi Dominum, e intendit mihi: Enquanto isso, eu esperava pelo Senhor, e ele se curvou diante de mim e respondeu à minha oração; ele me removeu da cova e da lama onde eu lutei, ele confirmou meus passos , ele colocou na minha boca uma nova música. "

Nesse "despertar poderoso e glorioso", a alma é aspirada pelo Espírito Santo, que a satura com sua bondade e glória ", e assim ele se faz amado com um amor inexprimível, e quem é acima de tudo, sentimento nas profundezas de Deus (Ibid, 4º, v. 6, fim). "

Essas graças se preparam para o outro despertar do momento supremo da morte, quando a alma, saindo de seu corpo, se verá imediatamente como uma substância espiritual, como os anjos se vêem. Quanto ao despertar final, será o instante da entrada na glória, na visão imediata de Deus. Bem-aventurados os santos para quem o momento da morte é precisamente o da entrada na glória, de modo que, no momento em que sua alma se separa do corpo, eles vêem Deus face a face e se vêem em Deus antes de ver em si mesmo. Enquanto ao redor deles clamamos sua partida, eles chegaram ao fim de sua carreira na clareza da visão que os beatifica. Eles entraram, como diz o Evangelho, na própria felicidade de seu Mestre: " intra in gaudium Domini tui".

Viva a chama

A partir daqui, entre os perfeitos, o despertar divino produz na alma uma chama de amor que é uma participação daquela chama viva que é o próprio Espírito Santo: "A alma já sente isso" presente em não apenas como um fogo que o consome e o transforma em doce diligência, mas também como um fogo que queima nele e se transforma em chamas ... Esta é a operação do Espírito Santo na alma que amor transformado. Suas ações interiores são chamas ... É por isso que esses atos de amor não têm preço;pois, por um lado, a alma merece mais e vale mais do que tudo o que foi capaz de fazer durante toda a vida ... assim como a chama vale mais do que a madeira incandescente que a produz. Assim, neste estado, a alma não age por si mesma, é o Espírito Santo que as cria e provoca nele ... e cada vez que a chama se eleva, ela pensa que está entrando na vida eterna ... ela está desfrutando de algo de felicidade eterna. Este é um gosto do Deus vivo, nas palavras do Salmo LXXXIII, 3: "Cor Meum e caro mea exsultaverunt in Deum vivum: Meu coração e minha carne exultam no Deus vivo (Ibid 1. Era estéreo, v .. 1-2). "

Essa chama é comunicada apenas por ferimentos, mas é suave, salutar e, em vez de matar, aumenta a vida (Ibid.). A alma que mais ama é a mais santa

(Ibid.). São João da Cruz diz que " esta ferida é deliciosa "; e acrescenta: "Isso aconteceu especialmente quando o Serafim feriu São Francisco (de Assis)".

Quando o coração arde com amor a seu Deus, a alma contempla lâmpadas de fogo que iluminam todas as coisas do alto; estas são as perfeições divinas: sabedoria, bondade, misericórdia, justiça, providência, onipotência. São, por assim dizer, as cores do arco-íris divino, que se identificam sem serem destruídas na vida íntima de Deus, na Deidade, como as sete cores do arco-íris da terra. unam-se na luz branca, de onde eles procedem. "Todas essas lâmpadas estão unidos em uma luz, uma casa, embora cada atributo mantém a sua luz e calor (Ibid 3. E str, v 1, .. Traduc Hoornaert, 2. E ed p. 195.). "

Em seguida, as potências da alma são fundidos como no esplendor das lâmpadas divina (Ibid. 3 e estrofe, 5 e 6. v.); é realmente o prelúdio da vida eterna.

A alma é sutilmente ferida de amor por cada uma dessas lâmpadas e, sob a ação das chamas unidas, ainda mais ferida e mais viva no amor da vida divina. Ela está bem ciente de que este é um amor à vida eterna, que é a soma de todo bem, e como a alma sente de alguma forma a natureza dessa vida, ela vê a verdade das palavras da Artigo: " Fortis is ut mors" dilectio ... lampades ejus, lampades ignis atque flammarum: O amor é tão forte quanto a morte, ... as lâmpadas do amor são lâmpadas de fogo e chama (Ibid., V 1, p.195). "

A chama que as virgens sábias devem manter em sua lâmpada é uma participação dessa (Matt. Xxv. 4-7).

Como é dito em um comentário muito agradável do Cântico dos Cânticos, apareceu recentemente: "O amor divino é um fogo devorador. Ele penetra a alma até o fundo. Ele queima, ele consome, ele não destrói. Ele a transforma em si mesmo. O fogo material, que penetra a madeira até suas últimas fibras e o ferro até as moléculas mais ocultas, é sua imagem, mas que imperfeito! Às vezes, sob a influência de uma graça mais forte, a alma que queima com amor divino lança chamas. Eles vão direto para Deus. É o princípio deles, assim como o fim deles, é para ele de fato que a alma é consumida. A caridade que eleva a alma é uma participação criada, finita e analógica, é verdade, de caridade não criada, mas é uma participação real, positiva e formal dessa substancial chama de Jeová. [83] . "

Entendemos por que São João da Cruz muitas vezes comparou a união transformadora da alma penetrada por Deus com a união do ar e do fogo na chama, que não é outro senão o ar ardente. Sem dúvida, há sempre a distância infinita que separa o Criador da criatura, mas Deus por sua ação se torna tão íntimo da alma purificada, que ele a transforma de alguma maneira nele, que a deifica, o aumento da graça santificadora; que é uma participação real e formal de sua vida íntima, ou de sua própria natureza, da Deidade.

Então o amor unitivo se torna na alma purificada como uma maré de fogo que cresce e preenche tudo (Vive Flamme , 2 e str., V 2). Esse amor, dificilmente perceptível a princípio, cresce cada vez mais, e a alma experimenta uma fome mais premente por Deus e uma sede ardente, da qual o salmista falou, dizendo: " Sitivit in te anima mea, quam multipliciter tibi caro mea: Minha alma tem sede de você, meu Deus, todo o meu ser aspira a você "(Sl. LXII, 2) (Noite Escura, I. II, cap. XI). É verdadeiramente a bem-aventurança daqueles que têm fome e sede da justiça de Deus. É verdadeiramente o prelúdio da vida do céu e como começo da vida eterna ", quaedam inchoatio vitae aeternaeSt. Thomas dissera (IIa IIae, q.24, a 3, ad 2); está aqui abaixo da realização normal, mas suprema, da vida da graça, germe da glória, sêmen gloriae.

A que distância estamos da semelhança que o lirismo de uma imaginação exaltada pode nos oferecer, onde não há profundo conhecimento de Deus, nenhuma abnegação na base e nenhuma generosidade de amor. Não há mais semelhança entre os dois do que entre o vidro e o diamante.

O que podemos concluir dessa doutrina, que pode parecer alta demais para nós?

Certamente seria alto demais se não tivéssemos recebido no batismo a vida da graça que florescerá, também em nós, na vida eterna, e se não recebermos frequentemente a sagrada comunhão, que é precisamente para efeito de aumentar esta vida de graça. Lembremos que cada uma de nossas comunhões deve ser substancialmente mais fervorosa que a anterior, pois cada uma deve aumentar em nós o amor de Deus e nos preparar para receber nosso Senhor com maior fervor de vontade no dia seguinte.

Como diz Vive Flamme, 2 e str., V. 5, as almas interiores, que desejavam essa união, chegariam lá se não fugissem das provações que o Senhor lhes envia para purificá-las.

Não é a mesma doutrina expressa no Diálogo de Santa Catarina de Siena, cap. 53 e 5h, onde a palavra de Nosso Senhor é explicada: " Se alguém estiver com sede, venha a mim e beba, e rios de água viva fluirão do seu seio. "

"Tudo, diz-se, você foi chamado, em geral e em particular, pela minha Verdade, meu Filho, quando, na angústia do desejo, ele gritou no templo:" Quem tem sede, a quem ele venha a mim e beba "... Então você está convidado para a fonte da água viva da graça. Portanto, você deve passar por ele, que se tornou sua ponte, e caminhar com perseverança, sem espinhos, nem ventos contrários, nem prosperidade, nem adversidades, nem outras dores, para que possa olhar para trás. Persevera, até que você me encontre, que lhe dá a água viva; e é através desta doce Palavra de amor, meu único Filho, que eu dou a você ...

"Apenas a primeira condição é ter sede. Para quem tem sede, é convidado: Quem está com sede, diz-se, que venha a mim e beba? Quem não tem sede não pode perseverar em sua jornada, o menor cansaço o detém ou o menor prazer o distrai ... A perseguição o assusta e, assim que ela o toca, ele fica A inteligência deve fixar os olhos no amor inefável que eu lhe mostrei, em meu único Filho. E porque então o homem está cheio da minha caridade e amor ao próximo, ele é acompanhado por muitas virtudes reais. É nesse estado que a alma está disposta a ter sede: tem sede de virtude, tem sede de minha honra, tem sede de salvação de almas;toda outra sede é extinta e morta nela. Ela anda em segurança, despida de auto-estima; ela se elevou acima de si mesma e as coisas perecíveis ... Ela contempla o profundo amor que eu lhe mostrei no Cristo crucificado ... Seu coração, vazio das coisas que passam, enche-se de o amor celestial que dá acesso às águas da graça. Uma vez lá, a alma passa pela porta de Cristo crucificado e prova a água viva, extinguindo em mim, que é o oceano da paz. "

Se sim, o que concluir praticamente? Devemos dizer ao Senhor e muitas vezes repetir esta oração a ele: "Senhor, deixe-me conhecer os obstáculos que, de uma maneira mais ou menos consciente. Coloquei a obra da graça em mim. Dê-me forças para removê-los e, se eu fosse negligente, digne-se a removê-los você mesmo, se sofrer muito.

"O que você quer, meu Deus, que eu faça por você hoje? Deixe-me saber o que você não gosta. Lembre-me do preço do seu sangue derramado por mim, o da comunhão sacramental ou espiritual, que nos permite, por assim dizer, beber tão bem a ferida do seu coração.

"Aumenta, Senhor, meu amor por você. Faça com que nossa conversa interior não pare, por assim dizer, que eu nunca me parta de você, que receba tudo o que você quer me dar e que não pare a graça, que deve brilhar sobre outras almas para esclarecê-los e avivá-los. "

NOTA

A chamada para a contemplação infundida
mistérios do você

Dissemos acima e extensivamente desenvolvemos em outros lugares [84] que os sete dons do Espírito Santo estão relacionados à caridade, São Tomé ensina formalmente (IIa IIae, q, 68, a.5) e que, como resultado, eles desenvolver com ele. Não se pode, portanto, ter um alto grau de caridade sem ter em grau proporcional os dons de inteligência e sabedoria, que são, com fé, o

princípio da contemplação infundida.mistérios revelados. Essa contemplação em alguns, como em Santo Agostinho, vai mais imediatamente aos mistérios, a outros, a São Vicente de Paulo, às consequências práticas desses mistérios, por exemplo, na vida dos membros do corpo místico de Jesus Cristo, mas ele é infundido em um e no outro. O modo supra-humano dos dons, que provém da inspiração especial do Espírito Santo e que vai além do modo humano das virtudes [85] , é inicialmente latente, como na vida ascética, depois se manifesta e é frequente.na vida mística. De fato, o Espírito Santo geralmente inspira almas de acordo com o grau de sua docilidade habitual ou suas disposições sobrenaturais (virtudes e dons infundidos). Este é claramente um ensino tradicional.
Também mostramos em outro lugar [86] que não há modo humano de presentes para São Tomás que seria especificamente distinto de seu modo supra-humano, pois o primeiro sempre poderia se aperfeiçoar sem nunca chegar ao segundo, e não seria capaz de fazê-lo. não é essencialmente ordenado.

Mas se não há presentes de moda humana especificamente distintos do outro, segue-se. como sempre dissemos, existe para todas as almas verdadeiramente interiores um chamado geral e distante para a contemplação infundida dos mistérios da fé, que por si só lhes dará uma inteligência profunda, vivida a partir dos mistérios da Encarnação redentora, da presença de Deus em nós, do sacrifício do Calvário perpetuado em substância no altar durante a missa, e do mistério da cruz que deve ser reproduzido em toda a vida cristã profunda. Como já explicamos com freqüência [87] , que diz "chamada geral distante" ainda não diz "chamada individual e próxima", então a "chamada suficiente" se distingue da "chamada efetiva".

Recentemente, concedemos a esse respeito algo que não pedimos, que "o elemento negativo da perfeição, isto é, o desapego das criaturas deve ser o mesmo para todas as almas: total, absoluto, universal "; "Não pode haver graus na ausência de defeitos voluntários. O menor como o maior destrói a perfeição ... é suficiente para ser contido por um fio.

Não acreditamos que o desapego das criaturas seja o mesmo para os maiores santos e para as almas que tenham chegado a uma perfeição menor. A razão é, acima de tudo, que a perfeição exclui não apenas defeitos diretamente voluntários, mas também defeitos indiretamente voluntários, que derivam de negligência e relativa mornidão, de um egoísmo secreto, que impede a substância de alma seja tudo para Deus. Da mesma forma, existe uma certa correlação entre o intenso progresso da caridade e sua extensão, o que a torna progressivamente excluída dos obstáculos que colocamos mais ou menos conscientemente à obra da graça em nós.

Se, então, como é concedido, toda alma é chamada a excluir, por seu progresso no amor de Deus, qualquer inadimplência voluntária, mesmo a menor,

ainda que indiretamente voluntária, que não terá sucesso sem um alto caridade. Este caridade provavelmente vai ser proporcio nados à sua vocação; ela não será para Bernadette de Lourdes o que ela era para São Paulo; mas terá que ser uma alta caridade; caso contrário, o fundo da alma não será todo para Deus; ainda haverá egoísmo, que se manifestará com bastante frequência por defeitos, pelo menos indiretamente, voluntários.

A alma para ser perfeita deve ter um maior grau de caridade do que quando ainda era apenas entre iniciantes ou progressistas, assim como na ordem corporal a idade adulta supõe uma força superioridade física à da infância e adolescência, embora haja adolescentes acidentalmente mais vigorosos do que os homens [88]

O que se segue sobre a purificação das profundezas da alma, necessária para excluir todo egoísmo e orgulho secreto? Um estudo recente sobre esta questão foi recentemente escrito sobre esse assunto:

"Admito que purificações passivas (que são de ordem mística) são necessárias para alcançar a pureza exigida pela união mística; É esse o significado de São João da Cruz, mas nego que sejam necessárias purificações passivas para a pureza exigida na união do amor pela conformidade das vontades. - A razão dessa diferença é profunda. Para a união mística, que implica contemplação e amor infundido, a purificação ativa não é suficiente; por esse motivo, a pureza da vontade não é suficiente. É necessário acrescentar a ela uma espécie de pureza psicológica de substância e poder, consistindo em acomodar-se ao modo de ser da infusão divina. "

A grande questão que se coloca é esta: Does, São João da Cruz, as purificações passivas não são necessários para profunda pureza da vontade, que exclui o egoísmo e quantidade mais ou menos consciente de defeitos indiretamente voluntários, incompatíveis com a perfeição plena da caridade, virtudes e dons infundidos, que se desenvolvem com a caridade, como funções do mesmo organismo espiritual?

Para esta pergunta extremamente importante, a resposta para nós não é duvidosa.

Basta ler na noite escura, I, I , cap. II a II, a descrição dos defeitos dos iniciantes que tornam necessária a purificação passiva dos sentidos; não é apenas uma questão daqueles que se opõem ao tipo de pureza psicológica de que acabamos de falar, mas daqueles que são contrários à pureza moral da sensibilidade e vontade. São mesmo, diz São João da Cruz, os sete pecados capitais transpostos para a ordem da vida de piedade, como ganância espiritual, preguiça espiritual, orgulho espiritual.

A mesma observação, se for uma pergunta, Dark Night, 1. II, cap. I e II, defeitos dos avançados que tornam necessária a purificação passiva do espírito; são " as manchas do velho, que ainda permanecem na mente, como uma ferrugem que desaparecerá apenas sob a ação do fogo intenso". Esses avançados, diz São João da Cruz, estão de fato sujeitos a afetos naturais; eles têm momentos de aspereza e impaciência; ainda há neles um orgulho espiritual secreto e um egoísmo, que leva muitos a usar os bens espirituais de maneira desapegada, o que os leva ao caminho das ilusões. Em uma palavra, o coração da almanão só não tem a pureza psicológica ainda, mas a pureza moral que exigiria. Tauler apostou na mesma direção, preocupado sobretudo em purificar as profundezas da alma de toda auto-estima ou egoísmo mais ou menos consciente. Acreditamos, portanto, que purificações passivas são necessárias para essa profunda pureza moral; mas estes são de uma ordem mística. Eles nem sempre aparecem de uma forma tão claramente contemplativa como a descrita por São João da Cruz, mas na vida dos santos, mesmo os mais ativos, como São Vicente de Paulo, os capítulos dedicados a suas tristezas interiores provam que eles têm um fundo comum, que São João da Cruz mostrou melhor do que ninguém.

Uma última concessão importante foi feita para nós sobre esta famosa passagem de Vive Flamme, st. 2, v. 5:

"Devemos explicar aqui por que existem tão poucos que alcançam esse alto estado de perfeição e união com Deus. Certamente não é que Deus queira limitar essa graça a um pequeno número de almas superiores. Ele prefere que todos sejam perfeitos; mas Ele encontra poucos vasos capazes de conter uma perfeição tão alta e sublime. Ele os sente um pouco? Ele sente os vasos frágeis a ponto de fugir da dor, recusando-se a usar qualquer ressecamento e mortificação ... Então ele para para purificá-los. "

Recentemente, fomos admitidos: " Admitimos que São João da Cruz lida aqui com o estado do casamento espiritual e afirma a vontade de Deus de que todas as almas atinjam esse estado; mas negamos que isso implique a afirmação de um chamado universal ao misticismo ... Acreditamos que a confusão se deve ao fato de não distinguirmos dois elementos incluídos por São João da Cruz na Bíblia. dois graus de união chamados compromisso e casamento espiritual. Um desses dois elementos é essencial e permanente; o outro acidental e passageiro. O elemento essencial é a união de vontades entre Deus e a alma, uma união que resulta da ausência de mortos voluntários e da perfeição da caridade;O elemento acidental consiste na atual união de poderes, uma união mística no sentido próprio da palavra e que não pode ser contínua. "

Deste ponto de vista, a união transformadora ou o casamento espiritual podem existir em uma pessoa sem nunca ter nela uma união mística, que seria um elemento acidental, como as palavras internas ou a visão intelectual da Santíssima Trindade das quais fala Santa Teresa (sétima casa , capítulos I e II). Parece-nos certo, pelo contrário, que, de acordo com São João da Cruz, a união transformadora não pode existir sem que, pelo menos de tempos em tempos, ocorra uma contemplação muito elevada das perfeições divinas, contemplação infundida. [89] que procede de presentes, chegou a um grau proporcional ao da caridade perfeita. "É", diz ele, "como quando o fogo, depois de ter ferido a madeira com sua chama e ressecada, finalmente a penetra e a transforma nela " (Vive Flamme, str.1 , v.4).

Além disso, o que é, aos nossos olhos, absolutamente certo, é que a profunda união de vontades entre Deus e a alma, que acaba de ser reconhecida como um elemento essencial da união transformadora, pressupõe purificação moral. do fundo da alma, a purificação da auto-estima ou do egoísmo, fonte mais ou menos consciente de vários defeitos, pelo menos indiretamente, voluntariamente, e essa purificação moral do fundo da alma exige, como vimos, Purificação passiva de São João da Cruz , que elimina os defeitos dos iniciantes e os avançados.

Portanto, vamos sustentar que, com muitos teólogos dominicanos e carmelitas, falamos da doutrina de São Tomé sobre os dons e a de São João da Cruz. Lembraremos, em conclusão, esses dois textos importantes: Dark Night, 1. I, cap. 8: "A purificação passiva dos sentidos é comum, ocorre no grande número de iniciantes "; agora, sendo passivo, é místico. Noite escura, 1. II, cap. 14: "Os progressistas ou avançados são iluminados; é aí que Deus nutre e fortalece a alma através da contemplação infundida.É, portanto, o caminho normal da santidade, mesmo antes do caminho unitivo, e como então uma alma poderia estar em um casamento espiritual ou em uma união transformadora sem nunca ter essa contemplação infundida dos mistérios da fé, qual não é outro senão o eminente exercício dos dons do Espírito Santo, que se desenvolvem em nós com caridade?

Não podemos admitir que um espírito do valor de São João só quis notar algo acidental , escrevendo o penúltimo texto que acabamos de citar e pelo qual terminaremos: "Progressistas ou avançados estão no caminho iluminativo; é aqui que Deus nutre e fortalece a alma através da contemplação infundida. "

[1] L'Amour de Dieu et la Croix de Jésus.

[2] Le Dialogue de sainte Catherine de Sienne, que nous citerons souvent, est un exemple frappant de ce que nous notons ici. Quand on le lit vers l'âge de vingt ou vingt-cinq ans, il arrive qu'on n'est pas saisi par la doctrine qu'il expose, car il semble seulement rappeler des vérités élémentaires et s'adresse peu à la

sensibilité, à l'imagination, mais surtout aux facultés supérieures et à l'esprit de foi. Lorsqu'on le relit plus tard, à l'époque où l'âme est mûrie, on voit que les vérités élémentaires qu'il contient y sont dites d'une manière très haute et très profonde, avec du reste un grand calme. Il fut dicté par la Sainte pendant qu'elle était en extase. Carte doctrine s'harmonise aisément avec celle de saint Thomas d'une part et avec celle de saint Jean de la Croix. On n'a jamais noté d'opposition entre sainte Catherine de Sienne et le Docteur angélique, et nous ne voyons pas celle qu'on pourrait signaler entre elle et l'auteur de la Nuit obscure

[3] Ce qui s'oppose le plus à cette voie d'enfance c'est, comme on dit en français, de « vouloir faire le malin ».

[4] Saint Thomas cite souvent cette pensée chère à saint Augustin : cf. Ia IIae, q. 28, a. 4, ad 2 ; IIIa, q. 53, a. 1, ad 3 : « Bona spiritualia possunt simul a pluribus (integraliter) possideri, non autem bona corporalia. »

[5] Luther disait même : « Pecca forliter et crede firmius : Pèche fortement et crois plus ferme encore, tu seras sauvé. » Ces paroles n'étaient pas, dans sa pensée, une exhortation à pécher, mais une manière très catégorique d'exprimer que les bonnes œuvres sont inutiles au salut, que la foi au Christ rédempteur suffit. Il dit bien : « Si tu crois, les bonnes œuvres suivront nécessairement ta foi » (édition de Weimar, XII, 559, f1523f). Mais, comme on l'a dit très justement, « dans sa pensée, elles suivront comme une sorte d'épiphénomène la foi salutaire » (J. Maritain, Notes sur Luther, appendice à la 2e édition française des Trois Réformateurs). De plus, la charité suivra plutôt comme amour du prochain, que comme amour de Dieu. D'où la dégradation de la notion de charité, qui est peu à peu vidée de son contenu surnaturel et théologal, pour signifier surtout les œuvres de miséricorde.

Il reste que pour Luther la foi au Christ Sauveur suffit à la justification, alors même que le péché n'est pas effacé par l'infusion de la charité ou de l'amour surnaturel de Dieu.

[6] Comme le dit très' bien J. Maritain, loc. cit. : « En fait, suivant la théologie luthérienne, c'est nous-mêmes et nous seuls qui nous saisissons du manteau du Christ pour en « couvrir toutes nos hontes », et qui usons de cette « habileté de sauter de notre péché sur la justice du Christ et par là d'être aussi certains de posséder la piété du Christ que d'avoir notre corps à nous ». Pélagianisme de désespoir ! En définitive, c'est à l'homme d'opérer sa rédemption lui-même en se forçant à une confiance éperdue en Christ. La nature humaine n'aura qu'à rejeter comme un vain accessoire théologique le manteau d'une grâce qui n'est rien pour elle et à reporter sur soi sa foi-confiance, pour devenir cette jolie bête affranchie, dont l'infaillible progrès continu enchante aujourd'hui l'univers. C'est

ainsi que, dans la personne de Luther et dans sa doctrine, nous assistons – sur le plan même de l'esprit et de la vie religieuse – à l'avènement du Moi.

« Nous disons qu'il en est ainsi en fait, c'est un résultat inévitable de la théologie de Luther. Cela n 'empêche pas cette théologie de verser simultanément, et en théorie, dans l'excès contraire (il n'est pas rare de voir chez Luther, comme chez Descartes, une erreur extrême faire équilibre à une erreur diamétralement opposée). Alors Luther nous dit que le salut et la foi sont tellement l'œuvre de Dieu et du Christ, qu'eux seuls en sont les agents, sans aucune coopération de notre part...

« La théologie de Luther oscillera sans cesse entre ces deux solutions : en théorie, c'est, semble-t-il, la première qui prévaudra (le Christ seul sans notre coopération est l'auteur de notre salut) ; mais, comme il est psychologiquement impossible
de supprimer l'activité humaine, c'est la seconde qui, inévitablement, prévaudra en fait. » En réalité le protestantisme libéral versera dans le naturalisme.

[7] Cf. saint Thomas, Ia , IIae, q. 109, , a. 3 : « Homo in statu naturae integrae dilectionem suiipsius referebat ad amorem Dei, sicut ad finem, et similiter dilectionem omnium aliarum rerum, et ita Deum diligebat plus quam seipsum et super omnia. Sed in statu naturae corruptae homo ab hoc deficit secundum appetitum voluntatis rationalis, quae propter corruptionem naturae sequitur bonum privatum, nisi sanetur per gratiam Dei. » Ibid., a. 4 : « In statu naturae corruptae, non potest homo implere omnia mandata divina sine gratia sanante. »

[8] Ce passage est un de ceux dont l'Église nous a donné l'interprétation' authentique (Concile de Trente, sess. VII, de Bapt., can. 2). Il doit s'entendre de la régénération par le baptême dont il affirme la nécessité. Au moins le baptême de désir, en l'absence de l'autre, est nécessaire au salut.

[9] Jean., III, 36 ; v, 24, 39 ; VI, 40, 47, 55.

[10] Jean., VI, 55.

[11] C'est là une idée chère à saint Jean, elle se retrouve aussi dans l'Apocalypse. Cf. E.-B. ALto, O.P., L'Apocalypse de saint Jean, Paris, p. 229 : « Aussi, dans ces heureux vainqueurs (xv, 2), ne verrons-nous pas exclusivement des martyrs... La comparaison avec la scène analogue de VII, 9-fin, et, plus loin, avec le Millenium du ch. XX, nous fait croire bien plutôt qu'il s'agit de toute l'Église, militante et triomphante, qui se révèle au Prophète dans son indissoluble unité ; ceux qui vivent ici-bas de la grâce sont déjà, en leur vie intérieure, transportés au ciel, concitoyens des bienheureux qui sont dans la gloire (Phil., III, 20). Déjà ils peuvent faire vibrer les harpes divines. » -- Cf. idid., p. 286, sur xx, 4 : « ... C'est

le règne indivis de l'Église militante et triomphante » une des idées maîtresses de l'Apocalypse. »

[12] Méditations sur l'Évangile, IIe P., 37e jour, in Joannem XVII, 3.

[13] Cité de Dieu, 1. XII, c. 9.

[14] In Joann., tract. 92 in c. XIV, 12.

[15] Ia II ae, q. 1113, a. 9.

[16] En réalité il y a plus de distance entre toute nature créée, même angélique, et la vie intime de Dieu, dont la charité est une participation, qu'entre les corps et les esprits créés. Toutes les créatures, même les plus élevées, sont à une distance infinie de Dieu et, en ce sens, elles sont également infimes.

[17] Pensées, édition E. Havet, p. 269.

[18] Cf. saint Thomas, Iae IIae, q. 109, a. 3 et 4.

[19] Cf. St Thomas, Ia IIae, q. 87, a. 3.

[20] Nous l'avons longuement traitée ailleurs : Perfection chrétienne et contemplation, t. II, p. 430-462.

[21] Cf. saint Thomas, Ia, q. 12, a. 2.

[22] Cf. saint Thomas, C. Gentes, 1. IV, c. XI.

[23] IIe Sermon de Carême, et Sermon pour le lundi avant le Dimanche des Rameaux.

[24] Nuit obscure, 1. I, c. 9 et 10.

[25] Doctrine spirituelle, IIe Principe, section II, ch. 6, a.2.

[26] Sermon pour le lundi avant les Rameaux.

[27] Nuit obscure, 1. II, ch. 1 à 13.

[28] Saint Thomas, IIa IIae, q. 24, a. 3, ad 2. – Iia IIae, q. 69, a. 2.

[29] La Doctrine Spirituelle, IIe Principe, section II, ch. 6, a. 2.

[30] Il ne s'agit pas ici d'une révélation privée portant sur quelque fait contingent futur ou sur quelque vérité nouvelle, c'est une contemplation plus pénétrante de ce qui est déjà dit dans l'Évangile. C'est la réalisation de la parole de Jésus : « Le Saint-Esprit vous enseignera et vous remettra en mémoire tout ce que je vous ai dit » (Jean, XIV, 26).

[31] Souvent dans ce Dialogue il est aussi question évidemment de la première conversion, par laquelle l'âme passe de l'état de dissipation ou d'indifférence à l'état de grâce, et à plusieurs reprises le Seigneur y dit : « Que nul ne soit assez fou pour remettre sa conversion au dernier instant de sa vie, car il n'est pas sûr que, à raison de son Obstination, je ne lui fasse entendre le langage de ma divine justice... Personne ne doit donc tant différer ; et cependant, si, par sa faute, on a perdu la grâce, on ne doit pas laisser, jusqu'à la fin, d'espérer d'être baptisé dans le sang » (Dialogue, ch. 75, trad. Hurtaud). Mais il est nettement question aussi dans ce Dialogue de la seconde conversion, qui fait passer l'âme de l'état

imparfait à la résolution profonde de tendre réellement et généreusement désormais à la perfection chrétienne.

[32] L'enseignement de saint Thomas est fort clair : « Contingit intensionem motus poenitentis quandoque proportionatam esse majori gratiae, quam fuerit illa, a qua ceciderat per peccatum, quandoque aequali, quandoque vero minori. Et ideo poenitens quandoque resurgit in majori gratia, quam prius habuerat, quandoque autem in aequali, quandoque etiam in minori » (IIIae, q. 89, a. 2). Plusieurs théologiens modernes pensent qu'on peut recouvrer un haut degré de grâce perdu même par une attrition tout juste suffisante. Saint Thomas et les anciens théologiens ne l'admettent pas. Et nous voyons qu'analogiquement à la suite d'une indélicatesse notable une bonne amitié entre deux hommes ne revit au degré où elle existait d'abord que s'il y a, non seulement un sincère regret, mais un regret proportionné à la faute commise et à la profondeur de l'amitié qui existait avant cette faute.

[33] Item, Dialogue, ch. 89.

[34] Chez l'ange selon saint Thomas, ce mélange n'est pas possible, car ils ne peuvent pécher véniellement. Ils sont très saints ou très pervers. Ou bien ils aiment Dieu parfaitement, ou bien ils se détournent de lui par un péché mortel irrémissible. Cela vient de la vigueur de leur intelligence, qui s'engage à fond dans la voie où elle entre. Cf. Ia IIae, q. 89, a. 4.

[35] C'est la connaissance quasi expérimentale de la distinction de la nature et de la grâce, connaissance toute différente de celle que donne la théologie spéculative. On apprend aisément d'une façon abstraite cette distinction des deux ordres, mais la voir pour ainsi dire concrètement et d'une manière presque continuelle, cela suppose un grand esprit de foi, qui, à ce degré, n'existe guère que chez les saints.

[36] Ainsi Notre-Seigneur priva ses disciples de sa présence sensible et leur dit : « Il convient que je m'en aille » ; il convenait en effet qu'ils fussent quelque temps privés de la vue de son humanité pour être élevés à une vie spirituelle plus haute, plus dégagée des sens, et qui ensuite, fortifiée ; s'exprimerait sensiblement jusque par le sacrifice de leur vie, par leur constance dans le martyre.

[37] On comprend que la Sainte emploie ce mot de « haine » pour exprimer l'aversion que nous devons avoir pour cet amour-propre ou amour désordonné de soi-même, qui est le principe de tout péché.

L'amour-propre, dit-elle, ch. 122, l'amour égoïste de soi-même, rend l'âme injuste envers Dieu, envers le prochain, envers elle-même ; il détruit en elle la vie sainte, la soif du salut, le désir des vertus. Il l'empêche de réagir comme il le faudrait contre les injustices les plus criantes ; on ne le fait pas, parce qu'on craindrait de compromettre sa situation, et on laisse opprimer les faibles. « L'amour-propre a empoisonné le monde et le corps mystique de la sainte Église

; il a couvert de plantes sauvages et de fleurs fétides le jardin de l'Épouse » (Dialogue, ch. x22).

« Tu sais, dit le Seigneur à la Sainte (ch. 51), que tout mal a sa source dans l'amour égoïste de soi-même, et que cet amour est comme une ténèbre qui recouvre la lumière de la raison » et diminue considérablement le rayonnement de la lumière de la foi. –C'est ce que dit souvent saint Thomas (Ia IIae, q. 77, a. 4) : « L'amour désordonné de soi-même est la source de tout péché et obscurcit le jugement, car lorsque la volonté et la sensibilité sont mal disposées (portées à l'orgueil ou à la sensualité), tout ce qui est conforme à ces inclinations déréglées paraît bon.

[38] Dialogue, ch. 75.

[39] Dialogue, ch. 75,115 et 127.

[40] Ibid., ch. 7.

[41] Ces paroles expriment nettement que le motif de l'Incarnation fut un motif de miséricorde, comme le montre aussi saint Thomas, IIIa, q.1, a. 3.

[42] Rien de plus facile que de concevoir spéculativement que la Providence ordonne au bien toutes choses sans exception ; mais qu'il est rare de le bien voir concrètement, lorsque arrive quelque grande épreuve imprévue, qui semble briser notre vie. Rares sont ceux qui y voient tout de suite une des plus grandes grâces, celle de leur seconde ou de leur troisième conversion. Le vénérable Bondon, prêtre très écouté de son évêque et de plusieurs évêques de France, reçut un jour, à la suite d'une calomnie, une lettre de son évêque qui le frappait subitement de suspense et lui interdisait de dire la messe et de confesser. Aussitôt il se jeta au pied de son crucifix, en remerciant Notre-Seigneur de cette grâce dont il se jugeait indigne. Il était parvenu à la conviction concrète et vécue, dont parle ici sainte Catherine de Sienne, que dans le gouvernement de Dieu tout, absolument tout, est ordonné à la manifestation de sa bonté.

[43] C'est ainsi que saint Thomas à la fin de sa vie est élevé à une contemplation surnaturelle des mystères de la foi, qui ne lui permet plus de dicter la fin de la Somme théologique, la fin du traité de la Pénitence. Il ne peut plus composer des articles avec un « status quaestionis » sous forme de trois difficultés, un corps d'article et des réponses aux objections. L'unité supérieure à laquelle il est conduit lui montre les principes d'une manière toujours plus simple et plus rayonnante, et il ne peut plus descendre à la complexité de l'exposé didactique.

[44] Cf. SAINT AUGUSTIN, in Joannem, tr. 25, n° 3, et Sermon 265, n. 2-4

[45] C'est à la lumière de ce qui est dit ici de cette effusion de grâces purificatrices et transformatrices qu'il faut lire les articles de saint Thomas sur les dons d'intelligence et de sagesse, sur la purification qu'ils opèrent en nous, et qu'il faut lire aussi la Nuit obscure de saint Jean de la Croix.

[46] Cf. Saint Thomas, Ia q. 43, a. 6, ad I.

[47] Saint Thomas, IIa IIae, q. 188, a. 6 : « Ex plenitudine contemplationis derivatur doctrina et praedicatio. »
[48] Il faut noter que dans ce texte et en plusieurs autres semblables le dessein immuable est mentionné avant la prescience dont il est le fondement. Dieu a prévu de toute éternité le mystère de la Rédemption, parce que de toute éternité il a voulu le réaliser.
[49] L'Auteur de la vie ne peut être que Dieu même. Cette expression a la même portée que celle de Jésus : Je suis la voie, la vérité et la vie. Jésus n'a pas seulement eut la vérité et la vie, il est la vérité et la vie. Et pour cela il faut qu'il soit l'Être même : « Je suis Celui qui suis. »
[50] Saint Jean de la Croix, Nuit obscure, 1. II, ch. 2.
[51] Même Pierre, appelé à devenir un si grand saint, après sa seconde conversion considère comme du délire, malgré les prédictions de Jésus, ce que disent les saintes femmes du tombeau du Seigneur trouvé vide.
[52] Nuit obscure, 1. II, c. IV.
[53] « Creditum non est visum » (IIa IIae, q. 1, a. 5).
[54] Cor., II, 10 : « Spiritus enim omnia scrutatur, etiam profunda Dei... Nos autem accepimus... Spiritum qui ex Deo est, ut sciamus quae a Deo donata sunt nobis. »
[55] S. Thomas, IIa IIae, q. 8, a. 8 : «Hanc munditiam mentis (depuratae a phantasmatibus et erroribus) facit donum intellectus... Etsi non videamus de Deo quid est, videmus tamen quid non est ; et tante in hac vita Deum perfectius cognoscimus, quanto magis intelligimus eum excedere quidquid intellectu comprehenditur... Hec pertinet ad donum intellectus inchoatum, secundum quod habetur in via. »
[56] Nuit obscure, 1. II, c. v.
[57] Philippe de la Sainte-Trinité expose les mêmes idées dans le prologue de sa Summa Theologiae mysticae (éd. 1874, p. 17).
[58] Un autre dominicain, Giov. Maria di Laurio, dans sa Teologia mislica parue à Naples en 1743, divise de même son ouvrage, en plaçant au même endroit la purification passive des sens comme transition à la voie illuminative (p. 113), et la purification passive de l'esprit comme disposition à la vie unitive parfaite (p. 303), selon la doctrine de saint Jean de la Croix.
[59] Cf. Saint Thomas, IIIa, q. 62., a. 2 : « Utrum gratia sacramentalis aliquid addat super gratiam virtutum et donorum » ; où il est rappelé que la grâce habituelle ou sanctifiante perfectionne l'essence de l'âme et que d'elle dérivent dans les facultés les vertus infuses (théologales et morales) et les sept dons du Saint-Esprit, qui sont dans l'âme comme les voiles sur la barque pour recevoir comme il convient le souffle d'en haut.

[60] (1) Ia IIae, q. 68, a. 5 : « Sicut virtutes morales connectuntur sibi invicem in prudentia ; ita dona Spiritus Sancti connectuntur sibi invicem in caritare ; ira scilicet quod qui caritatem habet, omnia dona Spiritus Sancti habet, quorum nullum sine caritate haberi potest. »
[61] (2) Ia IIae, q. 68, a. 2, où sont citées ces paroles de la sainte Écriture : « Le Seigneur n'aime que celui qui habite avec la sagesse » (Sagesse, VII, 28), et « Tous ceux qui sont conduits par l'Esprit de Dieu sont fils de Dieu » (Rom., VIII, 14).
[62] Vie, ch.XXXI ; Obras, t. I, p. 257.
[63] Cf. saint Jean de la Croix, Nuit obscure, I. I, ch. IX et XIV ; Vive Flamme, 2e strophe, v. 5.
[64] IIa IIae, q. 24, a. 9.
[65] Deuxième Sermon de Carême, et Sermon pour le lundi avant le Dimanche des Rameaux (n. 3 et 4), qui, dans la traduction latine de Surius, est au 1er Dimanche après l'Octave de l'Épiphanie.
[66] Nuit obscure, 1. I, c. IX et X : Signes caractéristiques de la nuit des sens. – Conduite à tenir à ce moment.
[67] Doctrine Spirituelle, IIe Principe, section II, c. 6, a.2, édit. Paris, Gabalda, 1908, p. 113... et ibid., p. 91, 123, 143, 187, 301, sq.
[68] Sermon sur le lundi avant les Rameaux, tr. fr. du P. Hugueny, éditions de la Vie Spirituelle, t. I, p. 262, 263 ; n. 7 : Épreuves par lesquelles commence la vie du troisième degré. – 8 : Raison de ces épreuves. – 9 : L'union divine dans les facultés supérieures.
[69] IIa IIae, q. 27, a. 4, 5, 6 : « Utrum Deus possit in hac vita immediate amari, totaliter amari ; utrum ejus dilectio habeat modum. »
[70] Cf. P. Louis de la Trinité, O. C. D., Le Docteur mystique ; 1929, Paris, Desclée, de Brouwer, p. 55.
[71] Une des particularités fort intéressante cette question est celle à laquelle pensait Sa Sainteté Pie X, lorsque, en avançant l'époque de la première communion, il disait :Il y aura des saints parmi les enfants ; paroles qui semblent réalisées par les grâces très spéciales accordées à ces enfants, partis si vite vers le ciel, et qui font aujourd'hui germer de nombreuses vocations religieuses et sacerdotales : la petite Nelly, Arme de Guigné, Guy de Fontgalland, Marie-Gabrielle T. Guglielmina quelques autres en Belgique et en Hollande, rappellent la Bse Imelda, morte d'amour pendant l'action de grâce de sa première communion. Seigneur, qui a dit : Laissez venir à moi les petits enfants, peut évidemment préserver très particulièrement leurs âmes et les embellir de très bonne heure ; il jette dans les âmes la semence divine plus ou moins belle selon son bon plaisir. Cf. Collection « Parvuli », chez P. Lethielleux, Paris.

[72] Cette expression, très aimée de Tauler, a le même sens que « cime de l'âme » ; la métaphore seule change suivant qu'on considère les choses sensibles soit comme extérieures soit comme inférieures.
[73] Cf. Concile de Trente, sess. VI, cap. 6 (Denzinger, n. 798), et saint Thomas, Ia IIae, q. 113, a. 1 à 8 inclusivement.
[74] Cf. Concile d'Orange (Denzinger n. 176, 178, sq.)
[75] Saint Thomas explique (IIIa, q. 89, a. 5, ad 3) que le relèvement est proportionnel à la ferveur de la contrition ; c'est-à-dire si quelqu'un avait deux talents avant de pécher mortellement, et n'a ensuite qu'une contrition suffisante, mais relativement faible, il ne recouvrera peut-être qu'un talent (resurgit in mineri caritate) ; pour qu'il retrouve le même degré de grâce et de charité que celui qu'il avait perdu, il faudra une contrition plus fervente et proportionnée à la faute et au degré de grâce perdu.
[76] Le commençant considère bien aussi parfois la bonté divine dans les mystères du salut, mais il n'est pas encore familiarisé avec eux, ce n'est pas le propre de son état.
[77] Luc, XIX, ~A ; Jérémie, L, 31 ; Ps. XCIV, 8 ; Hebr., III, 8 ; XV, 4, 7.
[78] Vive Flamme, seconde strophe, vers v. --Item Cantique spirituel, IVe P., strophe 39, vers le début.
[79] Le progressant contemple aussi à ses heures la bonté divine dans la nature et dans les paraboles évangéliques, mais ce n'est pas le propre de son état, il est maintenant familiarisé avec les mystères du salut. Il n'atteint pas encore pourtant, si ce n'est rarement et de façon fugitive, le mouvement circulaire ou la contemplation des parfaits qui s'arrête à la bonté divine en elle-même.
[80] Le progrès de la connaissance et de l'amour de Dieu qui caractérise cette purification est précisément ce qui la distingue des souffrances qui à certains égards lui ressemblent, comme celles de la neurasthénie. Ces dernières peuvent n'avoir rien de purificateur, mais on peut aussi les supporter par amour de Dieu et en esprit d'abandon. – De même les souffrances qui sont la suite de notre manque de vertu, d'une sensibilité non disciplinée et exaspérée, ne sont pas par elles-mêmes purifiantes, bien qu'on puisse, elles aussi, les accepter comme une humiliation salutaire, suite de nos fautes, et pour leur réparation.
[81] IIa IIae, q. 24, a. 9 – Certes, répondrai-je à M. II. Bremond, cette adhésion à Dieu, acte direct, qui est au principe des actes discursifs et réfléchis du parfait, contient la solution du problème de l'amour pur de Dieu concilié avec un légitime amour de soi, car c'est vraiment s'aimer en Dieu, en l'aimant plus que soi.
[82] Le Carme Philippe de la Sainte-Trinité, dans le prologue de sa Summa Theologiae mysticae (éd.1874, p. 17), met bien lui aussi la purification passive des sens comme transition entre la voie purgative et la voie illuminative, et la purification passive de l'esprit comme disposition à la vie d'union. En cela,

comme en beaucoup de choses, Th. Vallgornera, O. P., l'a suivi, il l'a même souvent littéralement copié. Antoine du Saint-Esprit, O.C. D., a fait de même en le résumant dans son Directorium mysticum.

[83] Virgo fidelis, Commentaire spirituel du Cantique des cantiques, suivi de « Conseils aux âmes d'oraison », par Robert de Langeac. Paris, Lethielleux., 1931, p. 279.

[84] Perfection chrétienne et contemplation, t. I, p. 338-417, t. II, p. 430-477

[85] IIa IIae, q. 68, a. I, et Perfection chrétienne et contemplation, t. I, p. 355-385, t. II, p. 52-64.

[86] Cf. Vie Spirituelle, nov. 1932 (Supplément) : Les dons ont-ils un mode humain ? p. 65-83.

[87] Perfection chrétienne et contemplation, t. II, p. 419-430.

[88] « Non sunt judicanda ea quae sunt per se, per ea quae sunt per accidens. »

[89] Pour saint Jean de la Croix, « dans la voie illuminative Dieu nourrit l'âme par la contemplation infuse » (Nuit, 1. II, ch. XIV) ; à plus forte raison dans 1a voie unitive.